

UFRRJ
INSTITUTO DE CIÊNCIAS SOCIAIS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM
CIÊNCIAS SOCIAIS

DISSERTAÇÃO

**MEMÓRIA DE UM LUGAR:
DANÇAS E FESTEJOS NA PRODUÇÃO DO PATRIMÔNIO EM
MUSSUCA E LARANJEIRAS/SE**

ROSANE DE ASSIS BARBOSA

2014



UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DO RIO DE JANEIRO
INSTITUTO DE CIÊNCIAS SOCIAIS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIAS SOCIAIS

**MEMÓRIA DE UM LUGAR:
DANÇAS E FESTEJOS NA PRODUÇÃO DO PATRIMÔNIO EM
MUSSUCA E LARANJEIRAS/SE**

ROSANE DE ASSIS BARBOSA

Sob a Orientação do Professor

Luena Nascimento Nunes Pereira

Dissertação apresentada pela discente
Rosane de Assis Barbosa como requisito
para obtenção do grau de Mestre em
Ciências Sociais sob a orientação da Prof^a.
Dr^a.Luena Nascimento Nunes Pereira

Seropédica, RJ
Junho de 2014

363.69098141

B238m

T

Barbosa, Rosane de Assis, 1966-

Memória de um lugar: danças e festejos na produção do patrimônio em Mussuca e Laranjeiras/SE / Rosane de Assis Barbosa - 2014.

79 f.: il.

Orientador: Luena Nascimento Nunes Pereira.
Dissertação (mestrado) - Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, Curso de Pós-Graduação em Ciências Sociais.

Bibliografia: f. 71-73.

1. Patrimônio cultural - Laranjeiras (SE) - Teses. 2. Danças folclóricas - Laranjeiras (SE) - Teses. 3. Folclore - Laranjeiras (SE) - Teses. 4. Ciências sociais - Teses. I. Pereira, Luena Nascimento Nunes, 1971-. II. Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro. Curso de Pós-Graduação em Ciências Sociais. III. Título.

**UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DO RIO DE JANEIRO
INSTITUTO DE CIÊNCIAS SOCIAIS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO AGRÍCOLA**

ROSANE DE ASSIS BARBOSA

Dissertação submetida como requisito parcial para obtenção do grau de **Mestre em Ciências Sociais**, no Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais, Área de Concentração em Ciências Sociais

DISSERTAÇÃO APROVADA EM: 27 DE JUNHO DE 2014

Luena Nascimento Nunes Pereira. Dr^a. PPGCS/DCS/UFRRJ
(Orientador)

Patrícia Reinheimer. Dr^a. PPGCS/DCS/UFRRJ

Maria de Cásia Frade. Dr^a. IA/UERJ

Ao Mestre Popular José Emiliano Fontes e
Maria Pureza Martins Fontes (meus avôs maternos)
Pelo amor, inspiração e descoberta do meu Lugar.

AGRADECIMENTOS

Gratidão, gratidão e gratidão... Simples assim.

A minha amada mãe Maria de Assis Barbosa, companheira de campo, pela cumplicidade e entrega, pelas noites mal dormidas na casa vazia de mobílias, mas cheia de amor, trabalho e sonhos. Ao pai Sebastião Carlos Barbosa pela herança de uma fé. À irmã Queli Lorena pela disponibilidade. À professora Isabela Frade pelo incentivo e amizade. À Amiga Luciana Aguiar pela parceria no campo e na vida, ao Professor Ricardo Gomes Lima pela torcida e confiança em meu trabalho, a Selma Maria da Silva por ter me apresentado o Programa de Pós-graduação em Ciências Sociais da UFRRJ (e por ter dito: “vai”).

A Luena Nascimento Nunes Pereira, minha orientadora e parceira incansável, pelo empenho e companheirismo na caminhada (na antropologia) e na vida. A professora doutora Maria de Cáscia Frade pela confiança empenhada e oportunidade oferecida a mim. A professora doutora Izabel Missagia de Mattos, pelo incentivo e crença no meu trabalho. As professoras: Patrícia Reinheimer, Mirian de Oliveira Santos e Denise Barata pelo direcionamento dado ao meu trabalho e pela disponibilidade. Aos amigos César de Carvalho Ismael, Carlos Eduardo Cardozo, José Ricardo Filho, Narcisa Melo, Cleiton Machado B. Maia e Giselli Avincula Campos por tornarem mais leve os estudos, as viagens, e parceria nos almoços, a força incentivadora. Aos amigos de Cia. Folclórica do Rio – UFRJ e ao programa de Extensão da PR5 da UFRJ por me favorecer nas primeiras idas ao campo, ainda como bolsista de graduação em Filosofia/Dança. Ao Laboratório de Arte e Educação – LAE-UFRJ e a todas as Lariantes, em especial a Professora doutora Maria Ignês da Souza Calfa.

A Escola de Dança e Faculdade Angel Vianna, em especial a minha primeira turma de Angélicos e as Turmas de IMPOB e PISDE (2014/1). A admiração de vocês e o incentivo dedicado a mim nutrem minha alma, sem vocês tudo seria mais difícil e pesado.

A cidade de Laranjeiras e ao Povoado da Mussuca, de forma especial a Senhora Maria Auxiliadora (Tia Dora) e família, Hildênia, Hilda e família pelo acolhimento dado a mim e a minha mãe, a Universidade Federal de Sergipe – UFS-LAR – pelas portas abertas, me permitindo ser estudante e professora em seu Campus.

A Professora Doutora Alexandra Dumas, Tony Edson, Thiago Santana e a Bruno Cerqueira Gama por tornarem meu campo mais leve, seguro e acolhedor, dando-me condições de estudos. Aos mestres e mestras da cultura popular sergipana, de forma especial ao Senhor Sales do grupo de São Gonçalo e sua esposa Dona Santana, a Senhora Maria da Conceição do Samba de Coco, a Mestra Nadi da Mussuca e a Lôxa Bárbara Cristina da Casa de Nagô de Santa Bárbara Virgem.

Por fim, a todos que, de uma forma ou de outra, me incentivaram trilhar estes caminhos.

RESUMO

BARBOSA, Rosane. **Memória de um Lugar: Danças E Festejos Na Produção Do Patrimônio Em Mussuca E Laranjeiras/SE**. 2014. 86 p. Dissertação (Mestrado em Ciência Sociais). Instituto de Ciências Sociais, Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, Seropédica, RJ. 2014.

O propósito deste estudo é pensar sobre as estratégias de produção e reprodução do patrimônio cultural em Laranjeiras, no Estado de Sergipe, manifestas nas *tradições vivas* presentes no cotidiano local, em particular, as oriundas do povoado da Mussuca, como a Dança de São Gonçalo do Amarante, o Samba de Coco e o Samba de Pareia. Estas danças servem como uma amostra das variedades de manifestações da cidade de Laranjeiras que continuam vivas neste lugar. Pretendemos estudar a relação entre estas danças e os festejos da cidade e as suas significações no contexto da produção do patrimônio e da memória local. A construção do processo político da dança como patrimônio e memória coletiva participa da criação dos bens culturais específicos desta cidade e estão em constante diálogo com os chamados “bens patrimoniais” já instituídos pelo estado de Sergipe e IPHAN.

O Encontro Cultural, que ocorre há trinta e nove anos na primeira quinzena de janeiro, tem sido um espaço a partir do qual lideranças do povoado de Mussuca, em apresentação dos grupos de dança de São Gonçalo e do Samba de Coco e Samba de Pareia, têm entrado em contato com os poderes públicos de Sergipe, pesquisadores de outros estados e outros grupos de cultura popular de Sergipe e do restante do país. Pretendemos, a partir da etnografia sobre o Encontro Cultural de Laranjeiras e outras situações nas quais estas manifestações das tradições vivas acontecem; pensar de que forma estas danças de Laranjeiras/ Mussuca são utilizadas pelos gestores culturais do município. Como os brincantes destas manifestações vivenciam estas relações? E de que forma as tradições vivas e a memória dos brincantes podem vir a contribuir para este processo?

Palavras-chaves: Patrimônio, Danças, Cultura Popular e Folclore.

RESUMÉ

BARBOSA, Rosane. **Mémoire d'un lieu: danses et célébrations dans le patrimoine de la production dans Mussuca Et Laranjeiras/ SE.** 2014. 86 p. Mémoire (Master of Science Socias). Instituto de Ciências Sociais, Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, Seropédica, RJ. 2014.

Le but de cette étude est de penser aux stratégies de production et de reproduction du patrimoine culturel à Laranjeiras, dans l'État de Sergipe, évidentes dans les *traditions vivantes* présentes dans le quotidien local, en particulier, celles originaires du village de Mussuca, comme la Danse de São Gonçalo d'Amarante, la Samba de Coco et la Samba de Pareia. Ces danses servent d'échantillon des variétés des manifestations de la ville de Laranjeiras qui continuent vivantes en cet endroit. Nous avons l'intention d'étudier la relation entre ces danses et les fêtes de la ville et leurs significations dans le contexte de la production du patrimoine et de la mémoire locale. La construction du processus politique de la danse comme le patrimoine et la mémoire collective participe à la création des biens culturels spécifiques de cette ville et ils sont en constant dialogue avec ce qu'on appelle "biens patrimoniaux" déjà institués par l'état de Sergipe et l'IPHAN.

La Rencontre Culturelle, qui a lieu depuis à trente-neuf ans durant la première quinzaine de janvier, est un espace à partir duquel les dirigeants du village de Mussuca, avec la présentation des groupes de danse de São Gonçalo et de la Samba de Coco et la Samba de Pareia, sont entrés en contact avec les pouvoirs publics de Sergipe, des chercheurs d'autres états et d'autres groupes de culture populaire de Sergipe et d'autres parties du pays. Nous avons l'intention, à partir de l'ethnographie de la Rencontre Culturelle de Laranjeiras et d'autres situations dans lesquelles ces manifestations des traditions vivantes ont lieu, de penser à la forme ces danses de Laranjeiras / Mussuca sont utilisées par les directeurs culturels du municipe. Comment les participants de ces manifestations vivent ces relations ? Et de quelle forme les traditions vivantes et la mémoire de participants peuvent venir à contribuer pour ce processus ?

Mots – clés: Patrimoine, Danses, La culture populaire, Le folklore

SUMÁRIO

1 Introdução	11
Capítulo I- Laranjeiras, Mussuca e outros lugares que dançam, celebram e rezam pra não esquecer.	14
1.1 Cultura negra, Mussuca e Laranjeiras	15
1.2 A construção dos grupos da Mussuca: parentesco e lideranças	23
1.3 Tradições do município: o calendário dos eventos da cidade	26
1.4 O dançar pra fora e o dançar para dentro	30
Capítulo II - Uma Cidade: Um Estudo sobre a Imaterialidade, Patrimônio e Memória.	32
2.1 O que se pretende guardar para transmitir?	35
2.2 Falando de pedra e cal, memória e imaterial: Laranjeiras cidades Museu a céu aberto, patrimônio nacional. O discurso corrente.	40
2.3 O Tangível e O Intangível no centro de Laranjeiras: Nagô/Taieiras	43
2.4 O que é patrimônio em Laranjeiras – de pedra e cal e imaterial	47
2.5 Educação e Construção da Memória	55
Capítulo III - O Encontro Cultural de Laranjeiras: Um espaço de produção de bens culturais e a manutenção da memória	59
3.1 Antes, porém um outro tipo de encontro era vivido	60
3.2 A Dinâmica do Encontro Cultural de Laranjeiras (e os circuitos)	63
2 Considerações Finais	69
3 Bibliografia	71
4 Anexos	74

1 INTRODUÇÃO

O propósito deste estudo é pensar sobre as estratégias de produção e reprodução do patrimônio cultural em Laranjeiras, no Estado de Sergipe, manifestas nas *tradições vivas* presentes no cotidiano local, em particular, as oriundas do povoado da Mussuca, como a Dança de São Gonçalo do Amarante, o Samba de Coco e o Samba de Pareia. Estas danças servem como uma amostra das variedades de manifestações da cidade de Laranjeiras que continuam vivas neste lugar. Pretendemos estudar a relação entre estas danças e os festejos da cidade e as suas significações no contexto da produção do patrimônio e da memória local. A construção do processo político da dança como patrimônio e memória coletiva participa da criação dos bens culturais específicos desta cidade e estão em constante diálogo com os chamados “bens patrimoniais” já instituídos pelo estado de Sergipe e IPHAN.

Imaterialidade e materialidade se fundem, espaços de edificações são significados pelas tradições do lugar. Seguimos o sentido dado por Veloso (2004; 32): “A idéia de lugar aponta para o seu enraizamento social, e que tal sentido permite a construção de referências culturais que emergem de molduras simbólicas, de arranjos identitários que se expressam através de signos de reconhecimento e pertencimento dos indivíduos a um grupo social”.

Laranjeiras é notória pela presença de monumentos de “pedra e cal”, bem como de manifestações culturais que marcam uma forma específica de ser da cidade, sendo a dança um elemento chave para o estudo e entendimento neste processo. Imaterialidade e materialidade estão colocadas de forma distintas no que se refere a patrimônio, entretanto as edificações e os festejos aparecem juntos na forma de construção da memória da cidade. O Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional/IPHAN se faz presente neste município propondo e desenvolvendo ações conjuntas com a prefeitura local via Secretaria de Cultura do município em torno de políticas de patrimônio. Assim, o IPHAN é um dos responsáveis pela construção e reprodução dos referenciais de lugar.

No que se referem às manifestações aqui estudadas, as danças e os festejos da cidade de Laranjeiras, preferimos utilizar o termo “tradições vivas”¹, e ou “populares” e não “folclóricas”. Nossa intenção é ancorar esta análise fora do olhar nacionalista, aplicado por alguns estudiosos ainda nos dias de hoje.

As principais manifestações com as quais trabalhamos são as danças de São Gonçalo do Amarante, o Samba de Coco e o Samba de Pareia no povoado da Mussuca. Nas danças aqui observadas, mais que uma lembrança, o ato é manifesto é declarado publicamente de forma solene trazendo à tona as memórias do lugar. Nas manifestações intersubjetivas, onde o sujeito e o objeto estão implicados, o corpo encarna a possibilidade de compreensão dos gestos e das palavras, assinalando o caráter da significação, podemos então, desta forma, ver o corpo em cena, proporcionando uma relação direta com o meio no qual esta inserido.

A arquitetura colonial da cidade além de abrigar o Mercado Municipal, a biblioteca, os templos e a universidade, serve de cenário para as manifestações de suas

¹ Termo utilizado no discurso corrente da cidade e adotado por nós. O referido termo tem relação direta com a expressão “tesouros vivos” expressão esta que está diretamente ligada aos saberes dos mestres populares em relação aos seus festejos, suas danças e suas memórias

tradições, em especial nas datas dedicadas aos santos padroeiros do lugar. O dia de Reis é um destes dias, que marca o início do Encontro Cultural de Laranjeiras.

O Encontro Cultural é um evento que existe há trinta e nove anos. Este evento tem sido um espaço a partir do qual lideranças do povoado de Mussuca, em apresentação dos grupos de dança de São Gonçalo e do Samba de Coco e Samba de Pareia, têm entrado em contato com os poderes públicos de Sergipe, pesquisadores de outros estados e outros grupos de cultura popular de Sergipe e do restante do país. Ainda através do Encontro Cultural a visibilidade do município se faz junto ao governo Federal. Um sinal da intensidade desta relação entre Mussuca/ Laranjeiras e o Estado de Sergipe pode ser notado no fato da abertura do Encontro Cultural de Laranjeiras em 2008 ter ocorrido dentro do povoado da Mussuca. O povoado da Mussuca, pertencente ao município de Laranjeiras, é um lugar onde cotidianamente a dança é a principal linguagem adotada pelos grupos para retratarem suas tradições, contar sua história, pagar suas promessas e celebrar a vida.

Falar das danças, tradições vivas do município de Laranjeiras sem fazermos referência ao Encontro Cultural de Laranjeiras nos faria perder parte da história desta cidade. Buscar analisá-lo, como um evento que apresenta aos “de fora” inúmeras manifestações existentes no município e também possibilita aos “de dentro” uma interação com seus gestores. Não pretendo aqui excluir um objeto de outro, o central, (as danças) e o periférico (o Encontro), menos ainda de estabelecer a importância de um sobre o outro. Neste caso ambos se tornam parte um do outro. Pretende-se observar a natureza das relações entre os dois. O Encontro é um evento onde as relações acontecem e como tal reúnem e unem os grupos de brincantes do estado de Sergipe, por isso é de importância estudá-lo.

Pretendemos, a partir da etnografia sobre o Encontro Cultural de Laranjeiras – ao qual dedicaremos o capítulo III, e outras situações nas quais estas manifestações das tradições vivas acontecem, pensar de que forma estas danças de Laranjeiras/ Mussuca são utilizadas pelos gestores culturais do município. Como os brincantes destas manifestações vivenciam estas relações? E de que forma as tradições vivas e a memória dos brincantes podem vir a contribuir para este processo?

Tomamos como base para este estudo as observações realizadas sobre o Encontro Cultural de Laranjeiras na Mussuca em 2008, 2007 (como integrante de um grupo para-folclórico da UFRJ), e em 2013 (desta vez já como discente do PPGCS). O trabalho etnográfico em 2013 foi realizado no município de Laranjeiras, tanto no centro da cidade como no povoado da Mussuca. Fomos norteados pelo método da observação participante, pretendendo um entendimento textual e contextual do campo de pesquisa, a redescoberta do campo, a definição do nosso lugar de fala, assim como o lugar da fala dos brincantes² e gestores locais. Roteiros para as entrevistas, notas sobre o campo, registros videográficos, fotográficos e sonoros assim como uma busca a acervos bibliográficos sobre o tema, foram a base para este trabalho.

O primeiro contato com o campo se deu em janeiro de 2007. Havia terminado o curso de psicologia na Universidade Pontifícia Católica Santa Úrsula - Rio de Janeiro e estava cursando bacharelado em filosofia na Universidade Federal do Rio de Janeiro. Fazia parte de um grupo de pesquisadores da Pró-reitoria de Extensão da UFRJ, com uma bolsa de estudos lotada no Projeto Companhia Folclórica do Rio – UFRJ (na função de produtora cultural). Durante a primeira quinzena do ano de 2007 estive em

²Brincante é como são chamados componentes dos grupos de danças e folguedos populares

Laranjeiras/Mussuca mantendo contato com as danças populares da cidade, com seus brincantes e mestres. Meu objetivo na época era observar as danças, filmar e catolagar as mesmas a fins de estudá-las posteriormente nos espaços dedicados à cultura popular e ao folclore como Congressos de Extensão, Semanas de Estudos sobre cultura popular e Seminários.

O Encontro Cultural de Laranjeiras foi meu primeiro contato com as “tradições vivas” do município. Partindo dele me foi apresentada a possibilidade de descoberta de um campo maior e diverso onde iria descobrir posteriormente imbricações entre patrimônio, gestão, danças, tradição e políticas públicas, em um processo de produção de memória.

No capítulo 1 trataremos de apresentar a história de Laranjeiras e a do povoado da Mussuca, suas localizações na formação da cidade as contribuições do povoado da Mussuca para com Laranjeiras no que se refere a economia, identidade e produção de memória, a composição dos grupos de danças da Mussuca e as características destes grupos. Descreveremos a forma como cada grupo é composto, a dinâmica de formação por parentesco e a história de cada um segundo relatos e documentos colhidos em campo com as lideranças do povoado. Ao final apresentamos um calendário resumido dos festejos da cidade de Laranjeiras.

No capítulo 2 discutiremos o tema da materialidade e da imaterialidade e as políticas de patrimonialização dos bens implicados neste processo através das ações desenvolvidas pelo IPHAN no município de Laranjeiras e as memórias vivas que compõem o conjunto de celebrações e formas de expressão. Aqui, trazemos à tona a reflexão sobre “folclore” e “cultura popular”, além de um histórico mais geral sobre as políticas de patrimonialização e seus contextos. O tombamento do Conjunto arquitetônico da cidade de Laranjeiras suscitará uma reflexão sobre o que se guarda para transmitir e como se dá a prática efetiva de rememorar como uma característica da cidade, produzindo relações de disputa pela memória entre seus atores sociais.

Os museus da cidade assim com título de cidade “cidade museu a céu aberto, capital da cultura popular” serão brevemente apresentados. Como exemplo do processo de produção de memória, apresentamos como se dá uma das festas da casa religiosa de Nagô/Taieiras como exemplo de conjunção dos aspectos de materialidade e imaterialidade do município.

O capítulo 3 será dedicado ao Encontro Cultural de Laranjeiras, através de um histórico sobre este evento, sugerindo a possibilidade deste ser um evento agregador de memórias do município através da sua dinâmica de organização e de sua influência na vida da cidade especialmente durante o mês de janeiro.

CAPÍTULO I

Laranjeiras, Mussuca e outros lugares que dançam, celebram e rezam pra não esquecer.

Em meados de 1569 se inicia o povoamento da margem do rio Cotinguiba e neste mesmo ano é fundada a povoação de Laranjeiras em terras da Freguesia de N. Senhora do Socorro do Tomar de Cotinguiba, a partir da abertura do porto para facilitar o escoamento das cargas de madeira (pau brasil). Em 1605 o povoamento tornou-se cidade. Em 1808 a cidade de Laranjeiras contava com cerca de 600 casas, o que representava para a época um importante núcleo de moagem e beneficiamento da cana-de-açúcar. Em 1835 a cidade foi elevada a condição de freguesia. Almeida (1984) afirma que “Laranjeiras, a partir do século XVIII e durante o século XIX, teve um avanço em sua economia e, conseqüentemente, na sua urbanização e no seu patrimônio material, artístico e religioso”.

No século XIX os engenhos favoreceram seu destaque econômico e o fluxo do comércio de cana-de-açúcar garantiu o desenvolvimento econômico da Freguesia de Laranjeiras. A movimentação pelo rio Cotinguiba era intensa e logo o Porto das Laranjeiras passou a ser parada obrigatória para comerciantes, viajantes e senhores de engenhos. Em torno do porto o comércio ganhava espaço, casarios eram construídos às margens do rio. As indústrias chegam com o século XX e garantem a importância de Laranjeiras dentro do quadro econômico do estado de Sergipe.

Atualmente, a cultura da cana-de-açúcar divide espaço com a indústria petroquímica, a fábrica de cimento, de fertilizantes e o turismo. Este último ainda está em desenvolvimento, não é um setor que garanta lucro permanente. Entretanto, a economia de turismo ganha bastante importância em tempos de Encontro Cultural, do qual falaremos mais a frente.

No que se refere a sua população, são 26.902 habitantes segundo o Censo demográfico de 2010. Laranjeiras tem por municípios vizinhos, Maruim, Nossa Senhora do Socorro, Divina Pastora, Santo Amaro, Itabaiana e Pedra Branca.

Laranjeiras foi considerada Patrimônio Nacional tombada pelo decreto lei no. 2003 de 21 de novembro de 1970. Recebeu título de Patrimônio Histórico Cultural e é considerada a segunda cidade mais antiga do estado de Sergipe (depois da cidade vizinha, São Cristovão que foi fundada em 1590). Seu conjunto paisagístico e arquitetônico está registrado no Arquivo Noronha Santos – Arquivo do IPHAN.

Vale ressaltar que na década de 1970 as políticas públicas voltadas para ao turismo no estado de Sergipe ganhavam força e os pontos-chaves destas ações eram voltados para as perspectivas patrimonial, histórica e artística. O turismo era uma estratégia que visava o desenvolvimento das cidades de Sergipe e o município de Laranjeiras constava como um destes campos a ser explorado pela “indústria sem chaminé”³. Caberia então ao governo do estado dar os passos iniciais para o desenvolvimento, implantando a infra-estrutura hoteleira, tida como a base necessária

³ Termo utilizado no diário oficial de Sergipe em 16/03/1978- Nº 58B- 82 25.

para a promoção turística. Desta forma era dado início a uma trajetória voltada para o turismo cultural em Laranjeiras⁴.

1.1 Cultura negra, Mussuca e Laranjeiras

Laranjeiras é uma cidade com uma grande população negra devido ao seu povoamento na época do Brasil colônia: *“Devido a essa quantidade de engenhos, os negros formam até hoje um grande contingente populacional em Laranjeiras, desenvolvendo suas crenças, suas características afro, suas religiões”* (Almeida 1984). A influência da cultura negra em Laranjeiras está presente em todas as manifestações locais. Danças, religiosidade, alimentação, templos e nos museus da cidade⁵.

No livro “Laranjeiras Católica” publicado em 1935 por Filadelfo Jônatas de Oliveira, podemos encontrar referências sobre as tradições e manifestações populares em forma de danças e folguedos pertencentes a estas populações negras. Associadas ao catolicismo estas manifestações são o ponto alto do dia dedicado aos santos Reis.



Figura 1: Igreja de São Benedito "Em festa de Reis ano 2012"

“Modesta, simples e ainda não concluída, tendo aos seus pés Laranjeiras e mais abaixo o rio Cotinguiba, acha-se assentada em pequena colina a Igreja de Nossa Senhora do Rosário e São Benedito (...) uma sacristia, um consistório, um púlpito e três altares com as imagens de nossa Senhora do Rosário, São Gonçalo, Santo Antônio e

⁴ Apesar da importância do turismo, cidade possui apenas uma pequena hospedaria situada na Rua Direita, no centro da cidade, cujo atendimento é precário. Em tempos de festejos na cidade “os de fora” se hospedam nas escolas municipais e nas residências dos moradores. Segundo o atual secretário de cultura, a prefeitura está propondo parcerias com redes hoteleiras que tenham o interesse de se estabelecerem na cidade. Há poucas casas disponíveis para o aluguel por temporada e por conta da procura o valor dos alugueis destas casas é bastante acima da média dos alugueis da cidade.

⁵ São quatro os museus em Laranjeiras: Casa João Ribeiro, o Museu de Arte Sacra, o Museu Afro e o Museu do Folclore dos quais falaremos no capítulo II.

São Benedito de Filadelfo, assim chamado porque nasceu na aldeia de São Filadelfo da Cecília. Os homens de cor concentram-se todos as suas devoções neste templo, onde nas célebres e tradicionais festas de Reis mais de cem pretos se apresentam fantasiados representando os Reisados, Cheganças, Congos, Taieiras, Marujadas e Maracatu.” Oliveira (1935).

Além do caráter afrobrasileiro dessa religiosidade popular que foi criada a princípio por negros escravizados e é vivida até nos dias de hoje pela cidade, estas manifestações são entendidas como um “bem cultural” a ser preservado.

Um lugar em Laranjeiras onde a cultura negra é ainda mais marcante é no povoado da Mussuca, distante 7 km da sede municipal e 20 km de Aracaju. Mussuca é conhecido em Sergipe como “reduto” da cultura afro descendente do estado. A Fundação Cultural Palmares atribuiu ao povoado Mussuca o título de comunidade remanescente quilombola em 1º de março de 2004, pelo decreto lei de número 4887/2003.

Vejamos então um pouco deste lugar que guarda em sua história parte da história das danças, tradições vivas que há anos são reconhecidas como patrimônio da cidade/povoado por seus moradores e seus brincantes, contribuindo para a produção e manutenção de uma memória local.

Mussuca e suas danças

Dos vinte quatro grupos de danças representantes das tradições da cidade de Laranjeiras, três destes grupos (classificados pelos moradores da cidade como os mais antigos e certificados pela Secretaria de Cultura local), estão sediados no povoado da Mussuca e são compostos pelos seus moradores.

Faz-se necessário ressaltar a importância da Mussuca como um lugar que contribui para fundar a identidade e memória junto ao município de Laranjeiras. Esta importância se faz presente em narrativas de moradores do povoado que, quando contam a história das danças do lugar e de suas celebrações, nos remetem ao fato da formação da Mussuca como terras quilombolas. Estas terras teriam sido doadas por um senhor dono de engenho antes de sua morte a uma escrava doméstica com o propósito de ampará-la, sendo ela autorizada a partilhar este quinhão de terras entre seus filhos e filhas. Contam ainda que negros em fuga das fazendas vizinhas lá encontravam condições para descanso e alimentação para então seguir em viagem de fuga.

Em nossa primeira visita ao acervo do Museu Afro de Laranjeiras (2007), pudemos ver, emoldurados em quadros e afixados nas paredes do Museu, documentos que narram em forma de notícia de jornais da época do Brasil colônia a fuga destes negros, assim como a captura de outros negros.

Nos dias de hoje podemos encontrar na Mussuca moradores que migraram para lá vindos do povoado vizinho de nome Cedro (também negros). Isso se deu, segundo as narrativas dos moradores mais antigos devido aos casamentos entre rapazes e moças dos dois povoados que se enamoravam em dias de festejos comuns. Contam que ao se casar vinham morar na Mussuca. Estas narrativas aparecem em várias entrevistas.

A Mussuca esta situada a margem direita, sentido Sergipe/ Rio de Janeiro da BR 101, em uma elevação geográfica do terreno ao lado da BR. Possui apenas uma

entrada o que torna possível o controle dos que entram e dos que saem do povoado, característica geográfica que garante o controle e a segurança local, segundo relatos colhidos em entrevistas com os moradores mais antigos do povoado.

Um dos pontos de reconhecimento para quem chega ao povoado é o Bar do Cabecinha, situado na Rua São Gonçalo. Este bar é um dos pontos de parada para os visitantes que chegam ao povoado, O dono do bar é filho de Mestre Sales o líder do grupo de Dança de São Gonçalo do Amarante. Cabecinha como é conhecido, já fez parte do grupo como “figura” (um dos dançarinos).

O povoado ainda conserva uma vasta área verde onde pode se avistar coqueirais, jaqueiras, mangueiras e outras árvores frutíferas, assim com a “bica”, uma nascente de água potável que fica dentro do povoado em uma parte mais afastada das casas de alvenaria. Chega-se até lá por uma trilha, e os “de fora” pouco conhecem este lugar. Chega-se até lá levados pelos “de dentro” depois de ser estabelecida uma relação de confiança entre as partes.

São Gonçalo dá nome à principal rua do povoado, é o nome do santo celebrado em uma das manifestações dançadas no povoado da Mussuca, da qual falaremos mais adiante. Paralela a Rua São Gonçalo está a Rua Senhor da Cruz. A Rua São Gonçalo e sua paralela cortam todo o povoado garantindo a subida e descida da Mussuca. A inauguração do asfalto destas duas ruas principais do povoado em 2008 marcou a abertura do Encontro Cultural de Laranjeiras, em sua trigésima terceira edição que se deu, de forma inédita, na Mussuca.

O Encontro Cultural tem sido o espaço a partir do qual lideranças do povoado de Mussuca, em apresentação dos grupos da Dança de São Gonçalo e do Samba de Coco e do Samba de Pareia entram em contato com os poderes públicos de Sergipe, pesquisadores, folcloristas, bem como outros grupos de cultura popular de Sergipe de outros estados do país.

No ano de 2008, na abertura do Encontro Cultural, seguiam a frente do cortejo o grupo do São Gonçalo do Amarante com seus brincantes, a Mariposa (figura que conduz a imagem de São Gonçalo do Amarante), os músicos e a imagem do santo. Em seguida, os grupos de Samba de Pareia e do Samba de Coco, formados por senhoras e jovens. Atrás do cortejo destes grupos, seguiam os moradores, pesquisadores, folcloristas e as autoridades políticas de Laranjeiras. Neste Encontro Cultural, a festa e as danças, *tradições vivas* da Mussuca/Laranjeiras eram a linguagem que comunicava ao povo do lugar e aos “de fora” que havia algo a ser comemorado.

Na Rua São Gonçalo residem as lideranças do povoado como os Mestres Populares. Também localizados a quadra de esportes (onde acontecem os eventos referentes ao povoado), a igreja católica, dois terreiros dedicados aos cultos das religiões de matriz africana e a escola agrícola.

As casas dos Mestres Sales, Maria da Conceição e Nadir são os pontos de maior visitação do lugar por escolas públicas do estado e da rede municipal, turistas e pesquisadores. Estas visitas ocorrem durante todo o ano. Dona Maria da Conceição do Coco, quando entrevistada, fala de sua alegria em receber “os de fora” e de seu projeto, já em andamento, de transformar sua modesta casa em um espaço do “Museu Do Samba de Coco da Mussuca”. Mestre Sales líder do grupo de São Gonçalo também tem um espaço reservado em sua casa dedicado a receber pesquisadores e amigos. Este espaço é decorado com fotos e diplomas que certificam o grupo como patrimônio da Mussuca e de Laranjeiras, assim como os dois Mestres. Nadir também recebe visitas de

pesquisadores e amigos, mas não tem um espaço reservado para tal atividade, recebe na sala de sua casa, e eventualmente no Bar do Cabecinha, que fica ao lado de sua residência e é de propriedade de um de seus sobrinhos. Nadir e mestre Sales são primos.

Mussuca é citada como um lugar de importância para a fundação da cidade de Laranjeiras. Laranjeira teve sua base econômica na pecuária e na lavoura canavieira, as propriedades que compõem o entorno do povoado da Mussuca como o Engenho da Ilha contribuíram de forma positiva para este fato, antes mesmo da fundação de Laranjeiras como município. Por se pensar como um berço da cultura africana, o povoado se vê atualmente como o lugar de resistência negra em Laranjeiras. (Aguiar: 2010)

Segundo dados da secretaria de cultura de Laranjeiras “a presença de quilombos se deu de forma bastante intensa no município, entre eles podemos destacar o da Mussuca é o berço originário da cultura africana do município, tendo uma população quase que na sua totalidade negra”. Mussuca é basicamente formada por grupos de famílias que possuem laços de parentesco entre si. Este dado, segundo Moura, pode configurar a terra da Mussuca como terra de pretos, pois, chama-se de terras de pretos as “comunidades quilombolas, também conhecidas como mocambos (e terra de pretos), habitadas por descendentes de africanos escravizados com fortes laços de parentesco” (Moura; 1997).

Estes laços definem a configuração dos grupos de brincantes moradores do povoado da Mussuca. Da mesma forma, laços de parentesco são a base para a composição dos grupos de brincantes da dança de São Gonçalo do Amarante, o Samba de Pareia e o Samba de Coco, dos quais falaremos mais adiante.

Vamos aqui apresentar as manifestações do povoado da Mussuca. Sendo a Mussuca um lugar onde cotidianamente a dança é a principal linguagem adotada pelos grupos para retratarem suas tradições, contar sua história, pagar suas promessas e celebrar a vida. Podemos então constatar dentro do Povoado da Mussuca, homens, mulheres, crianças, jovens e velhos contando e rememorando a História da Mussuca e da própria cidade de Laranjeiras através da dança.



Figura 2. Fotografia: Associação Cultural Jovens de Tupanatinga PE.

São Gonçalo do Amarante (da Mussuca) a dança e o Santo

Na Mussuca a dança de São Gonçalo é formada em sua maioria por homens. Às mulheres cabe à função de cuidar da imagem do Santo e entoar as cantigas para que as “figuras”⁶ masculinas dançam. As práticas da dança São Gonçalo são a louvação ao santo violeiro e a paga de promessas através do ato de dançar. A dança é composta de sete jornadas ou sete tempos de cantigas que estão assim seqüenciadas: “Nas Horas de Deus amém”, ”Vosso rei pediu uma dança”, ”Adeus parente,” ”Jiruaê, “Mamãe Zambi”, ”Suzanê” e novamente “Nas Horas de Deus Amém”.

A imagem de São Gonçalo é colocada dentro de uma pequena barca de madeira pintada nas cores azul, vermelho e branco enfeitada com fitas coloridas. Esta imagem é carregada pela *Mariposa*, que tem por responsabilidade zelar pela imagem do Santo Violeiro. Seu figurino é simples, saia e blusa ou vestido de uma única cor. Ela embala o santo de forma suave e o segue apresentando aos brincantes, ao promesseiro e a platéia. Ao *Patrão* que se veste de marinheiro, calça e túnica branca, sapatos de cor preta e um quepe de marinha, cabe o comando do grupo, receber os contratos de pagas de promessas e organizar o grupo para as apresentações. Ele também é responsável por marcar os passos do grupo no ato do dançar com as batidas tiradas de um pequeno tambor que tem o nome de caixa. Batendo nesta caixa ele dá a marcação da dança para as *Figuras*, que se apresentam vestidas com roupas de mulher (fitas e xales enfeitam as saias e um lenço branco cobre a cabeça) e dançam ao som da marcação da caixa tocada pelo patrão. Eles cantam respondendo em coro, à mestra Nadir, que entoia as cantigas de louvação ao Santo. Estas cantigas antigas compostas por seu pai, mestre Paulino, ou cantigas de sua autoria que retratam a Mussuca. Rosana, filha de mestre Sales e de Dona Santana, faz a segunda voz. Aos dois músicos cabe a função de tocar o violão e cavaquinho.

O grupo do São Gonçalo está organizado em três subdivisões. Um é o grupo adulto, que é o principal, composto por quinze componentes em seu total, quatorze *figuras* e uma que representa o *Patrão*. Os homens – *figuras*– dançam em movimentos circulares alternados com movimento de fila marcando com força os passos de ponta de pé e calcanhar ritmados pelo toque de uma caixa (pequeno tambor) tocada pelo patrão. Agrupados em filas os dois primeiros componentes tocam querequechês (chocalhos).

O São Gonçalo na versão juvenil é composto de meninos de quatorze a dezoito anos, e se apresenta durante o Encontro Cultural, se apresentam nas festas de Laranjeiras em pequenos palcos da cidade e em espaços como escolas e casa em dias festivos. O São Gonçalo na versão mirim é composto de meninos com a idade entre quatro e onze anos. São filhos, netos e sobrinhos que compõem as versões do São Gonçalo mirim e o juvenil. A versão do São Gonçalo mirim foi pensada pelo mestre Sales e sua esposa Santana, para “*Ensinar ‘os meninos’ e para poder fazer as apresentações nos dias que o juvenil e os adultos não poderem participar, mas só quem paga as promessas são os adultos! Dançar para pagar promessas não é responsabilidade pra criança.*” (mestre Sales; Janeiro; 2013)

Trata-se de um grupo composto por membros que possuem laços de parentesco entre si. As subdivisões acontecem internamente sendo coordenados pelo mestre do grupo auxiliado por sua esposa, filha e filho. Aos adultos do grupo cabe a responsabilidade pelas pagas de promessa e apresentações fora do povoado e em Laranjeiras nos palcos com infra-estrutura de show.

⁶ Figuras são os homens que dançam a Dança de São Gonçalo do Amarante na Mussuca vestidos com roupas femininas.

O grupo de São Gonçalo possui um total de trinta e nove membros segundo o Mestre Sales e não são três grupos e sim um grupo único subdividido para que todos possam “brincar”. As cantoras, os músicos e a mariposa são os mesmos em todas as versões do grupo.

O grupo foi convidado a dançar fora do povoado pela primeira vez no ano de 1967. Mestre Sales nos conta que o grupo foi convidado pelo prefeito da cidade para dançar na sede do município em uma comemoração do município. Antes só dançava dentro do povoado para pagar promessa.

São Gonçalo do Amarante

“São Gonçalo do Amarante nascido na freguesia de Talgide, próxima às Caldas de Vizela, no ano de 1187, Gonçalo ainda menino estuda rudimentos com um devoto sacerdote” (Oliveira; 2011, p.20).

São Gonçalo era membro da Ordem dos Dominicanos e foi beatificado pelo Papa Júlio III em 16 de setembro de 1561. O Santo português morreu no ano de 1259. Era conhecido como alegre violeiro e se dedicava a pregar o evangelho para as prostitutas, para os marujos e para os pobres, pois o santo teria sido também marinheiro (Oliveira; 2011). Estes dados, tomados como base na historiografia do santo, estão também presentes na história oral do Povoado da Mussuca,

“São Gonçalo hoje é santo, ele já foi marinheiro, vamos embarcar com ele lá pro Rio de Janeiro”. (cantiga de apresentação da dança de São Gonçalo da Mussuca)

Em uma das conversas que tive com um dos componentes do grupo, perguntei o porquê dos homens dançarem vestidos com roupas de mulher? A resposta foi à seguinte: *“O São Gonçalo é uma dança que no tempo do santo ele tocava para as mulheres prostitutas dançarem para não irem pecar, então nós homens nos vestimos de mulher, pois não ficaria bem ver nossas mulheres (nossas, noivas, irmãs e esposas) dançando representando as mulheres de antigamente”.*

Atualmente no Brasil “o santo português é representado da forma católica, onde os devotos realizam o ritual religioso destinado ao pagamento de promessas. A religiosidade popular adotou o culto a São Gonçalo do Amarante. A dança de São Gonçalo pode ser considerada um dos ritos mais difundidos do catolicismo rural brasileiro, São Gonçalo ainda é muito presente a exemplo de sua existência no município de Laranjeiras.” (Bonfim, 2008).

O Samba de Coco e o Samba de Pareia da Mussuca.

Assim como a dança de São Gonçalo, o Samba de Coco é dançado na Mussuca com frequência. Dança-se o Samba de Coco para celebrar a vida nas festas de aniversário e dias de folga do trabalho. O samba é dançado por mulheres nas apresentações fora da Mussuca, vestidas de vestidos de cintura alta confeccionados em tecido coloridos, tamancos ou sandálias e chapéus forrados com o mesmo tecido. Nas festas do povoado, o Samba é dançado por mulheres, homens, jovens e crianças. Nas

apresentações externas o grupo é composto pelas mulheres que dançam e pelos homens que tocam os instrumentos.



Figura 3: Samba de Coco da Mussuca - Fotografo: Koka

Na Mussuca, em Laranjeiras, Maria Conceição de Jesus, ou dona Maria do Samba de Coco é uma das referências desta manifestação. Durante o nosso campo na Mussuca, em setembro de 2013, estivemos em sua casa na varanda onde ela expôs os figurinos, as fotos e seus santos de devoção. O espaço encontrava-se em obras, pois, Maria da Conceição do Coco estava construindo o Museu do Coco da Mussuca. Ela nos conta que: *“É necessário um espaço para receber as escolas, os pesquisadores e quem mais quiser saber do Samba de Coco, A gente não quer só ficar no nosso canto, dançando. Isso só não basta. Queremos ser ouvidos também”*.

O Samba de Pareia

A liderança do Samba de Pareia fica aos cuidados de dona Maria José (Sessé), e através dela fui levada a conhecer as demais componentes do grupo. Neste grupo, a liderança e coordenação estão colocadas fora das funções do mestre ou mestra, embora os laços de parentesco estejam presentes entre as senhoras que compõem o grupo.



Figura 4: Samba de Pareia da Mussuca/ Fotógrafo: Jesus Koka

A presença do “Mestre” (no caso uma mestra) está ligada só ao ato de cantar e não a liderança ou coordenação do grupo. O cantar assim é de responsabilidade da Mestra Nadi, e o coro de senhoras respondem. O grupo é composto basicamente por mulheres, são vinte senhoras com idades entre 50 e 70 anos responsáveis pelo bailado. Os componentes masculinos são apenas quatro senhores. Estes homens, também na mesma faixa etária das senhoras, tocam os instrumentos para acompanhar o canto. Chocalhos, atabaque e uma cuíca que tem o nome de “onça” (o som lembra o som emitido pelo felino).

Assim como no grupo da dança de São Gonçalo, há uma subdivisão e uma versão mirim do Samba de Pareia. Neste, as netas e filhas destas senhoras dançam o Samba assim como suas avós. As mulheres trajam-se com vestidos de cintura baixa, na altura dos joelhos, feitos em tecido colorido ou de estampas florais, as saias dos vestidos possuem babados largos e franzidos com acabamento de sianinhas na bainha dos babados. Na cabeça os chapéus de palha forrados cuidadosamente com o mesmo tecido do vestido e enfeitados de flores. Podemos perceber o farto figurino do grupo. Os acessórios como brincos, colares e flores dão o toque a vestimenta destas mulheres. Maquiadas e com os lábios alinhados pelo batom, perfumadas e elegantes, calçando seus tamancos de tiras de couro por vezes também forrados com o mesmo tecido do vestido, seguem ladeira abaixo, ladeira acima do povoado marcando o passo do Samba de Pareia. Quanto ao figurino masculino, os homens vestem-se de calça comprida preta ou de brim, blusão do mesmo tecido dos vestidos das mulheres e chapéu de palha ou chapéu preto de feltro com abas.

Segundo a história oral deste grupo, teria havido um tempo em que os homens também dançavam o Samba de Pareia, com o decorrer do tempo a figura masculina teria sido colocada fora do bailado sob a justificativa de evitar conflitos ligados aos ciúmes. Sendo a dança uma dança de par, em seu bailado a troca de par se faz presente na dinâmica do dançar. Assim, a solução encontrada foi diminuir o número de figuras masculinas os colocando em um lugar estratégico, o lugar de músicos. Uma hipótese para a pouca presença masculina nos grupos de danças do Samba de Pareia e do Samba de Coco, pode também estar ligada ao fato da organização do grupo de Samba de Pareia ter sido pensado por uma mulher, a mestra Maria da Conceição (do Coco), para animar os dias de encontros das senhoras frequentadoras da igreja local. A ausência de senhores no grupo poderia ser justificada pela ausência habitual dos homens no grupo de oração da igreja.

Amante dos Sambas de Coco e do Samba de Pareia desde menina, Maria da Conceição fora motivada a organizar na Mussuca as mulheres que dançassem o Samba de Coco, com a finalidade de fazer apresentações dentro e fora do povoado. Embora o Samba de Coco e o Samba de Pareia fossem dançados há muito anos no povoado, a organização formal dos grupos foi ocorrendo gradativamente, podendo ter como elemento motivador os convites para apresentações externas. Desta forma, tocar os instrumentos foi a função atribuída aos homens que assim permaneceram no grupo de Samba de Pareia e no Samba de Coco.

O Samba de Pareia é uma das danças mais antigas do Povoado. Segundo suas componentes a dança ocorre desde os tempos dos escravos. Fazia parte de um ritual de celebração de nascimento das crianças do Povoado da Mussuca, na época em que a Mussuca era um quilombo, por volta do século XVIII. Simboliza a alegria de uma nova vida que chega. Mestra Nadi, nos conta que *“o Samba de Pareia nasceu na Mussuca inventado por negros que lá iam se refugiar dos horrores das senzalas e dos chicotes do feitor, escondidos e protegidos na Mussuca não podia sair para dançar, então a festa se*

dava por lá mesmo para celebrar a vida". Sabemos, pois, que o Samba de Pareia é uma variável do Samba de Coco uma manifestação presente em todo o Nordeste, segundo Frade (1997): *"Difundido por todo Nordeste, O Coco é uma dança de roda ou fileiras mistas, de conjunto, de par ou solo individual. Há uma linha melódica cantada em solo pelo "tirador" ou "conquista" (...) O Coco apresenta várias modalidades, conforme o texto poético, a coreografia, o local e o instrumento de música"*.

Na Mussuca as mulheres sambam e rodam em parelha (em pares de duas ou quatro) batendo seus tamancos no chão, alternando os movimentos de roda e de fila enquanto os músicos tocam e Nadi canta canções que falam de libertação e de afirmação da cultura do Povoado. Estas músicas foram compostas por mestre Paulino (pai de Nadi) e deixadas como herança. Nadi também compõe novos sambas, além de ser a cantora do grupo de São Gonçalo. *"Na Mussuca eu nasci, na Mussuca me criei e sambando de pareia na Mussuca morrerei... Vamos dançar de pareia, vamos dançar de pareia ô menina sapateia"* Até hoje, os moradores da Mussuca comemoram a chegada de seus filhos com o Samba de Pareia e o Samba de Coco, sempre no 15º dia de nascimento. Comemora-se também aniversário dos componentes do grupo. Com a mesma marcação de pés, batendo os tamancos. O Samba de Pareia e o Samba de Coco se diferem em sua formação coreográfica e em número de componentes. O Samba de Pareia tem a exigência de compor pares enquanto o Samba Coco não possui esta exigência, pode ser dançado em roda por todos nas festas do Povoado, homens, mulheres, crianças, jovens e velhos.

Acompanham o Samba de Pareia nas festas do povoado da Mussuca duas qualidades de bebidas. Uma é a Meladinha, feita de cachaça e mel de abelhas, arruda, canela e cebola branca e outra é o Rabo de Galo, bebida feita com vinho e cachaça. A cerveja foi introduzida recentemente nas festividades dos Sambas de Coco e de Pareia.

1.2 A construção dos grupos da Mussuca: parentesco e lideranças

Como já afirmamos os laços de parentesco nas danças de São Gonçalo, Samba de Coco e de Pareia na Mussuca estão presentes.

O Mestre Sales (de 74 anos), representava a figura do "patrão" na Dança de São Gonçalo. Ele herdou este fazer de seu tio mestre Paulino, patrão já falecido. Sales já elegeu seu sucessor, é Neilton, seu neto e filho de criação. Neilton vem dançando e acompanhando mestre Sales desde criança e em 2011, então com 21 anos de idade, recebeu a "gerência" do grupo. Neilton será o novo patrão da Dança de São Gonçalo. O pai de Neilton também dançava a dança de São Gonçalo como ele. As demais figuras desta manifestação também são aparentadas de mestre Sales, são filhos, netos, sobrinhos e esposa, que seguem mantendo a tradição deste dançar para o Santo Violeiro do Amarante na Mussuca. Neilton é quem comanda o dançar, os contratos para dançar fora do povoado, questões pertinentes à logística do grupo, organização e a paga das promessas contratadas, embora ainda não seja mestre, pois o mestre da dança de São Gonçalo da Mussuca continua sendo o senhor Sales. Mestre Sales acompanha Neilton, o apóia nas decisões a serem tomadas e o orienta quando necessário em questões pertinentes ao grupo. A última palavra ainda é de sua, seu afastamento não se deu integralmente. Para que Neilton assuma e seja reconhecidamente titulado mestre, o afastamento de mestre Sales se faz necessário pela idade avançada do mestre e pelo derrame sofrido em 2010.

Para entendermos esta dinâmica relacionada à figura do mestre se faz necessário recorrer a Barroso em seu artigo “Incorporação e memória na performance do ator brincante” (2004). Ele nos aponta a figura do mestre como sede da memória do grupo. Estaria no corpo (e na memória) deste brincante particularmente os saberes de forma mais integrada, ele é quem dá forma ao desenrolar do folguedo. Sua atuação assemelha-se a de um treinador de futebol que ao mesmo tempo também é juiz. A “saúde do brinquedo” depende dele, a integração do grupo depende de sua iniciativa.

A figura do mestre popular representa sabedoria e autoridade. A aprovação do grupo e da comunidade são conquistas feitas no decorrer do processo onde o fator tempo é fundamental. Neilton parece já possuir o aceite do grupo para ser patrão, pois sua autoridade é reconhecida pelo grupo.

Nos Samba de Coco e no Samba de Pareia a mesma dinâmica se apresenta: Avós, avôs, netas, filhas, irmãs, sobrinhas e afilhadas também dançam, cantam e tocam fazendo parte dos grupos. Os fortes laços de parentesco e apadrinhamento estão presentes no povoado da Mussuca e podem assegurar a manutenção e a ressignificação dos costumes, das tradições vivas através da dança deste lugar.

As lideranças da Mussuca:

O processo de reconhecimento de lideranças nos grupos das danças de São Gonçalo e do Samba de Coco se dá por “herança” e reconhecimento da figura do mestre pela comunidade onde nasceu e ou vive durante um longo tempo. Sabendo que liderança envolve questões ligadas à influência, poder e intervenção no que se refere à tomada de decisão política, em uma ou mais esferas de atividade, e que estas esferas de atividades podem incluir uma área de organização seja uma cidade, uma localidade ou região, percebo a necessidade listar aqui os nomes e uma breve descrição destas lideranças do Povoado.

Mestre Sales: nascido em 1940, o Mestre do grupo de São Gonçalo é nascido no povoado vizinho Cedro e ainda criança veio morar na Mussuca. Criado no povoado, é reconhecido pela comunidade da Mussuca/Laranjeiras como uma liderança. Herdou esta tradição de louvação a São Gonçalo de seu tio Paulino. Mestre Sales é beneficiado pela “Lei dos Mestres”⁷ a qual o contempla com dois salários mínimos.

Mestre Paulino: Já falecido há muitos anos é um dos mestres mais lembrados do povoado da Mussuca pelos brincantes. É tio de Sales e pai de D. Nadi. Segundo os moradores mais antigos do lugar, mestre Paulino também brincava a dança de São Gonçalo em terreiros de Nagô.

⁷ A Lei dos Mestres é um Programa de proteção e promoção dos mestres e mestras dos saberes e fazeres das culturas populares”, que garante auxílio financeiro de um a dois salários mínimos às pessoas que reconhecidamente representem a cultura brasileira tradicional. Nesta última década, esses mestres, suas expressões e conhecimentos vêm ganhando reconhecimento, proteção e valorização oficial como patrimônio imaterial da cultura nacional, através das “Leis de Patrimônio Vivo”, “Leis de Tesouros Vivos da Cultura”, ou “Leis de Mestres”. As Leis de Mestres vêm sendo adotadas em âmbito municipal e estadual desde 2002, em estados como Paraíba, Pernambuco, Bahia, Ceará, Alagoas, e Rio Grande do Norte, e cidades como Laranjeiras e Brasília. De lá para cá, quase 150 mestres já foram contemplados, alguns com mais de 60 anos de trabalho. Entre eles, figuras conhecidas como Lia de Itamaracá, J. Borges e Mestre Salustiano. A Lei dos Mestres ainda não foi implementada em âmbito federal, está em tramitação no Congresso desde 2010.

Neilton Santana: nascido em 1992, partilha com seu pai/avô mestre Sales à organização do grupo de São Gonçalo e será o novo patrão da dança de São Gonçalo. Formado em Literatura Brasileira, guarda os arquivos sobre o grupo e inscreve o mesmo em eventos e editais de apoio a cultura.

Rosana Sales: nascida em 1986, filha de mestre Sales e coordenadora dos grupos de São Gonçalo, responsável pela versão mirim e juvenil do grupo. Junto a Neilton ela também cuida da participação do grupo em editais. É professora, graduada em Educação para o Campo pela UFS. Escreve sobre a história do grupo de São Gonçalo e a tradição da festa local.

Mestra Nadi: nascida em 1951, cantora e incentivadora das tradições vivas da Mussuca é reconhecidamente a mestra popular da Mussuca, herdeira da tradição dos cantos do Samba de Pareia e de São Gonçalo. D. Nadi é procurada pelos de fora para o primeiro contato com a comunidade devido a sua notoriedade fora do povoado. Nadi, no dia 8 de julho 2012, nas comemorações da Independência do Estado de Sergipe, foi agraciada com a Medalha do Mérito Cultural Tobias Barreto, que recebeu das mãos do então governador Marcelo Déda. Foi beneficiada pela “Lei dos Mestres” a qual, tal como a Sales, a contempla com dois salários mínimos mensais.

Mestra Maria da Conceição: nascida em 1942 é Mestra do Samba de Coco da Mussuca. Reconhecidamente junto à comunidade, durante anos foi uma líder religiosa e esta liderança ainda se faz notar nos tempos de hoje. Também é beneficiada pela “Lei dos Mestres”.

Flavia: nascida em 1990, é neta de Dona Maria da Conceição do Coco. É uma liderança jovem, militante do movimento negro na Mussuca é responsável pelo grupo de teatro da comunidade.

Sessé: nascida em 1974 anos de idade, Maria José é liderança entre as senhoras e meninas que dançam o Samba de Pareia, uma espécie de representante deste grupo.

Marizete: nascida em 1974, presidente da Associação dos Pescadores de Maré, associação, onde o grupo de Samba de Pareia se reúne.

As danças da Mussuca são dançadas há tempos pelos moradores do lugar, e a transmissão deste dançar vem se dando de pai para filho no decorrer dos anos. Desde muito novas, lá estão as crianças vestidas com o figurino do grupo e sendo levadas por seus pais e parentes a acompanhar os cortejos e apresentações. Mestres como senhor Sales e Dona Maria do Coco têm a preocupação de passar os ensinamentos sobre os “brinquedos” aos seus filhos e filhas, netos e netas, sobrinhos e sobrinhas.

Pode ser percebido que os jovens filhos e filhas de mestres que fazem parte dos grupos já estão colocando sua marca na forma de auxiliar na administração dos grupos. No que se refere aos Grupos da Dança de São Gonçalo e ao Samba de Coco os jovens herdeiros, Neilton, Rosângela e Flávia, já cuidam da inscrição de seus grupos em editais de fomento e premiações na área da cultura. Diferente de seus pais, estes jovens são detentores de um saber formal que os favorecem na escrita de editais e os levam a espaços onde o debate sobre a cultura, dança e identidade são colocados em pauta. Também pode ser percebido um engajamento político dos mesmos. Flávia é uma das militantes do Movimento Negro dentro do povoado e uma das brincantes do Samba de Coco. Rosângela escreve sobre o grupo da Dança de São Gonçalo e partilha com seu

primo irmão Neilton o cuidado em arquivar fotos e reportagens feitas sobre o grupo ou qualquer material que tenha como tema a Dança de São Gonçalo da Mussuca.

A lei Tesouros Vivos reconhece os mestres populares. Este reconhecimento vem em forma de “um benefício” no valor de dois salários mínimos mensais. Na Mussuca três mestres recebem este reconhecimento: Mestre Sales, Dona Maria da Conceição do Coco e Dona Nadi. Em troca, estes mestres devem manter seus grupos atuantes e dar informação sobre os mesmos. Em caso de falecimento de um destes mestres este benefício não é transferido ao seu sucessor. A nomeação destes mestres é feita pelo seu grupo social, mas demanda tempo de aceitação e reconhecimento. O beneficiamento dado aos mestres já reconhecido por seu grupo pode ou não se dar pelos termos da lei dos Tesouros Vivos, pois este reconhecimento é feito por uma comissão de gestores ligados a Secretaria de Cultura local. Vale lembrar que embora esta lei tenha uma abrangência nacional sua aplicação e funcionalidade são regionais. No caso da cidade de Laranjeiras, a lei Tesouros Vivos é de implantação e gerência municipal, e não são todos os municípios sergipanos que a possuem.

1.3 Tradições do município: o calendário dos eventos da cidade:

“Ao chegarmos a Laranjeiras já nos deparamos com a valorização das manifestações artísticas tradicionais pela prefeitura e por outros órgãos públicos do estado de Sergipe, através de banners e placas que nos mostram essa valorização”. A cidade não só valoriza suas manifestações artísticas tradicionais, mas também se apropria delas à medida que elas tornam possível, juntamente com os monumentos históricos (...).Laranjeiras,cidade que encanta qualquer pessoa interessada em arquitetura colonial e manifestações da cultura popular brasileira. O turista que chega à cidade no período do Encontro Cultural fica impressionado com o grande movimento cultural na cidade, a grande profusão de grupos folclóricos e outras manifestações artísticas. O cotidiano da cidade, porém, é bem diferente de todo esse movimento que abarca a cidade no período do Encontro Cultural.” (Aguiar; 2010; p; 21).

Janeiro:

Encontro Cultural de Laranjeiras. Neste Encontro ocorrem apresentações de grupos folclóricos, simpósios onde folcloristas e pesquisadores participam de debates, onde turismo, cultura e educação são colocados em foco. Apresentações de bandas e grupos ligados a cultura popular bem como shows de artistas de projeção nacional ocorrem durante a primeira semana do mês de janeiro. Este evento é composto de várias atividades distribuídas em vários espaços e palcos da cidade. Vamos discutir com mais profundidade este Encontro no terceiro capítulo desta dissertação.

Festa de Reis. Faz parte das comemorações do ciclo natalino. Acontece em forma de cortejos compostos pelos grupos tradicionais da cidade em louvor aos Santos Reis, na primeira semana do mês de janeiro. Sua culminância ocorre no dia seis de janeiro.

Fevereiro:

Festa do Bom Jesus dos Navegantes: Festa sacra com procissão fluvial pelo Rio Cotinguiba, que corta o Centro histórico da cidade. Presentes nesta procissão fluvial estão o grupo de Cacumbi de Mestre Deca⁸, o Grupo das Taieiras⁹ e a Chegança de Almirante Tamandaré¹⁰ além dos moradores da cidade.

Março/Abril:

Festa do Senhor da Cruz (em Laranjeiras e no povoado da Mussuca): Comemorações referentes à Semana Santa, com missas, novenas e ladainhas pelas igrejas da cidade.

No povoado da Mussuca há uma festa dividida em três eventos distintos - o cortejo com os grupos de danças tradicionais do lugar (o São Gonçalo, o Samba de Coco e o Samba de Pareia) pelas ruas do povoado da Mussuca. Um período dedicado as rezas em forma de ladainhas e uma festa na quadra para a comunidade onde bandas com ritmos regionais nordestinos revezam-se durante o dia e a noite.

Em Laranjeiras, durante o fim do período da quaresma um grupo de homens religiosos nomeado os Penitentes, composto em parte por elementos encapuzados e a outra parte vestindo-se de soldados romanos, marcham enfileirados, carregando nas mãos tochas acesas pelas ruas do centro da cidade até a Igreja do Bonfim situada em uma pequena colina. Antes porém, reúnem-se na porta de Igreja Matriz no Centro de Laranjeiras rezando e cantando. Lá encontram com o Pároco da cidade e retornam em procissão pela cidade durante a madrugada de sexta feira santa.

Mai:

Micareme: Segundo a historiadora sergipana Hildenia Oliveira, em seu artigo “A micareme de Laranjeiras em 1930: a Cidade entre a quaresma e o carnaval” (2013) o Micareme ocorre desde a década de 1930. A principio, mantida com recursos da comunidade, hoje recebe financiamento do poder público, em torno de 60% do valor do evento. Foi incluído no do Plano de Cultura do município. Sua data inicial era uma semana após o Sábado de Aleluia, depois passou a ocorrer em datas variadas devido à liberação dos recursos, que por vezes é feita após da data prevista para a festa. A Micareme atualmente é considerado um carnaval fora de época que reúne blocos no formato carnavalesco, que tocam frevos e marchinhas. Há uma disputa de fantasias e assim, o segredo e a graça da festa tem sido guardar “a sete chaves” os modelos das fantasias e seus adereços até o primeiro dia de desfile.

⁸ O Cacumbi é uma dança onde participam o "rei negro" e seus "cacumbis", ou seja, seus nobres guerreiros ou vassalos. A coreografia da dança é bastante alegre, com evolução e movimentos vivos e contínuos ao som de apito, cuícas, pandeiros, tamborins e ganzás. Somente os homens realizam a dança, usando chapéus enfeitados de espelhos, paetês e fitas coloridas

⁹ Taieiras: dança ritualística dançada em louvação a senhora do Rosário e São Benedito. Veremos um pouco mais desta dança no capítulo 2

¹⁰ Grupo composto por homens vestidos de marinheiros que encenam o embarque e o desembarque de um navio que sobreviveu a uma tormenta por auxílio da Virgem do Rosário.

Junho:

Festival de música: Durante a primeira semana do mês ocorrem apresentações de grupos musicais, bandas escolares, turmas de aprendizes de músicas da escola de música local, orquestras profissionais e fanfarras oficiais da cidade. O festival acontece no centro da cidade com o apoio da Secretaria de Cultura local e Escola de Música Santa Cecília que funciona no mesmo prédio onde está sediado a sede do IPHAN em Laranjeiras.

Novena de São João: Encontro religioso em louvação agradecimentos e pedidos de graças ao Santo Junino, com festas em formato de quermesse.

Julho:

Festa do Padroeiro da Cidade, Sagrado Coração de Jesus (novena e procissão)

Agosto:

Semana do Folclore: Comemorações nas escolas do município. Gincanas e brincadeiras, onde os temas são direcionados às manifestações do “folclore” e “cultura popular” do estado de Sergipe, dando destaque as manifestações do município. Esta semana é um evento organizado pela Secretaria de Educação e Cultura.

Setembro:

Dia da Independência: Desfile cívico com a participação das escolas municipais, bandas de fanfarras e Guarda Municipal. Ocorre no centro da cidade, onde uma infraestrutura de grande festa é montada, com a montagem de dois palanques, um na entrada da cidade, próximo a rodoviária com o objetivo dar suporte aos grupos nas suas formações para o desfile. O palco principal é destinado as autoridades políticas e convidados. Este é armado próximo a Igreja Matriz no Centro. As escolas trazem temas ligados à cultura local estampados em faixas e banners. Nos dias que antecedem ao desfile (dia sete de setembro) há grande movimentação nas escolas. Em 2013 pudemos acompanhar esta movimentação e vimos a apresentação de faixas produzidas nas escolas com frases e desenhos são feitos por estudantes que remetem a história e a cultura da cidade, tais como: “Nossa diversidade cultural é uma herança preciosa.”; “Laranjeiras: Memória e Identidade/Cultura e Arte Popular.”; “A riqueza humana consiste na diversidade Cultural–Religiosa do presente do passado.” Cada escola se apresenta com um número considerável deste material, somados as faixas e aos desenhos, as bandas de fanfarras que podem ser ouvidas de qualquer parte da cidade.

Mês Doloroso: É uma tradição católica vinda do século XVIII. Durante este mês os devotos de Nossa Senhora das Dores vestem branco ou preto. Reúnem-se para as ladainhas que são rezadas na igreja da Matriz e do Bonfim. Estas ladainhas são cantadas em latim e seu texto vem de um caderno manuscrito que foi deixado por uma das senhoras religiosas e passado como tradição as famílias da cidade. Este manuscrito onde estão contidos “os mistérios dolorosos” tornou-se um livreto de orações que só pode ser possuído pelos fiéis que participam do grupo de oração dedicado a Nossa Senhora das Dores. Os devotos pagam suas promessas por graças alcançadas, pedem novas graças e proteção. A culminância deste período se dá no dia dedicado a Nossa Senhora das

Dores, dia 15 de setembro, onde os devotos seguem em sua maioria com os pés descalços a procissão em louvor a santa das dores.

Corte do Inhame Nagô: Festejo dedicado ao “Pai da Costa” entidade maior no Nagô, religião da tradição afro brasileira. Nesta ocasião é feito o corte do inhame, momento solene festejado que tem por duração dois finais de semana e ocorre anualmente na Casa da Irmandade de Santa Bárbara Virgem. É principal festejo do Terreiro Nagô da cidade. Este festejo é associado ao plantio e a colheita do inhame. O Orixá Obacoçô é cultuado e festejado, através da oferenda do Inhame novo aos Orixás da Costa. Membros da Irmandade de Santa Bárbara Virgem não podem comer inhame sem primeiro ofertá-lo aos orixás sob pena de serem castigado por terem quebrado o preceito. Nesta Casa Nagô está sediado também o grupo das Taieiras, um dos mais antigos da cidade de Laranjeiras segundo os registros da Secretaria de Cultura e relatórios do IPHAN de Sergipe

Caruru das crianças e Festa dos Erês: Festa no povoado da Mussuca onde há distribuição de doces e de caruru em homenagem aos santos meninos Cosme e Damião, associados aos erês da tradição afro-brasileira. Esta festa acontece no terreiro “do Senhor São Lázaro” na Mussuca sob o comando de D. Regina (Mãe de Santo e líder deste terreiro) e nas casas do povoado e da cidade onde há promessas a serem pagas. Durante o ano de 2013 neste mês no dia 27 ocorreu uma comemoração no Museu Afro de Laranjeiras onde o caruru foi distribuído para as crianças das escolas municipais que lá estiveram fazendo parte do evento em comemoração ao dia dos Santos Meninos/ Santos Gêmeos.

Outubro:

Combate do Lambe Sujo e Caboclinho. Festa de cunho profano, revivendo a memória das lutas entre os negros e índios, conta com os seguintes personagens: Lambe Sujos e Caboclinhos, Mãe Suzana, Pai Juá, Rei dos Lambe Sujos, Cacique dos Caboclinhos. As cores predominantes da festa são o preto e o vermelho. Os negros pintados de cambaú (melaço de cana de açúcar) misturado a pó de tinta xadrez preta e os índios pintados de pó de tinta xadrez vermelho misturado com água. A festa consiste em uma batalha que envolve toda a cidade. Logo cedo um “índio caboclinho” com um “nego” amarrado pela cintura, chega até a feira pedindo prendas para a feijoada do Lambe Sujo que será preparada na casa de Mãe Suzana (uma das figuras do festejo). Na madrugada de sábado para o domingo a cidade desperta com a alvorada. A batalha termina ao cair da tarde de domingo¹¹.

Novembro:

Dia da consciência Negra: Este festejo é marcado pelo Cortejo e Lavagem do Bonfim feita pelo grupo que compõem o Ilê Filhos de Obá, Casa de candomblé localizada no Centro da cidade¹².

¹¹ Sobre Lambe Sujo podemos contar com a bibliografia e videografia: Ribeiro José. Brasil no folclore. Rio de Janeiro: Gráfica Editora Aurora, 1970. E “Lambe Sujo – Uma Ópera dos Quilombos”, documentário de Gabriela Greeb, Marianna Monteiro e Paulo Dias, 2004.

¹² O Ilê Filhos de Obá é um terreiro tombado como patrimônio da Cidade de Laranjeiras em 1988.

Dezembro:

Natal e Ano Novo: Missa do Galo na Igreja Matriz e queima de Fogos e festas nas casas de família da cidade.

1.4 O dançar pra fora e o dançar para dentro

A forma como se dança, quando se dança para quem ou para que fins se dança, marcam a diferença na performance dos brincantes. O ato de dançar “para fora” e “dançar para dentro” é percebido pela forma de se apresentarem, de acordo com o lugar e o objetivo de seu dançar: para quem e para quem se dança são indicadas por diferenças posturais, gestual, intenção dramática. Estão aí implicados vários sentidos relacionados ao ato deste dançar. As relações entre religiosidade, fé e diversão aparecem durante todo o processo dentro dos grupos nesta cidade.

Sabendo que “O corpo e o ritmo são os lugares onde se desenrolam as lutas pela permanência no mundo. Nas formas poéticas orais é o corpo que fala” Barata (2008), podemos então constatar “este corpo falante” comunicando através da linguagem da dança uma história e um lugar no mundo. Onde o dançar para louvação e o dançar para se apresentar ao público tomam dimensões distintas.

Podemos perceber que o ato de dançar para os grupos de Mussuca e Laranjeiras é uma forma criativa de contar e comunicar ao mundo costumes, valores e religiosidade. Entretanto, a forma como estes grupos dançam em festas onde são convidados a se apresentarem são diferentes das formas que estes mesmos grupos têm ao dançarem com outros objetivos, como pagar promessas, a louvação e a apresentação aos pés do altar da Igreja de São Benedito e Nossa Senhora do Rosário, cortejos festivos e precisões religiosas. Do mesmo modo, é diferente dançar nos palcos em dia de Encontro Cultural no município e dançar dentro de seu povoado em festejos do cotidiano.

Em conversa com um dos integrantes do Grupo da Dança de São Gonçalo do Amarante, perguntamos sobre estas possíveis diferenças no ato de dançar nestas distintas ocasiões. Foi nos respondido que: *quando estamos dançando para pagar promessa, temos que estar contidos, concentrados, não é festa! Tem toda uma forma, é mais devagar sabe?! No palco, a gente fica mais solto, mais risonho e brinca mesmo rebola se solta desfia o outro no paço, brinca. Aqui no povoado o São Gonçalo sai nos dias de cortejo, de festa para o senhor da Cruz que também é uma comemoração santa, dançamos alegres, mas prestando atenção, concentrados mesmos. (Neilton, do grupo de dança São Gonçalo. Dez. de 2012)*

Da mesma forma ocorre com o grupo de Cacumbi¹³ de mestre Deca do centro da cidade. Liderada por Mestre Deca e com o auxílio de seu filho Carlos, o Cacumbi entra na igreja de São Benedito batendo seus pandeiros enfeitados com fitas coloridas e

¹³ Cacumbi: Originária do Congo - África, o Cacumbi é uma dança onde participam o "rei negro" e seus "cacumbis", ou seja, seus nobres guerreiros ou vassallos. A coreografia da dança é bastante alegre, com evolução e movimentos vivos e contínuos ao som de apito, cuícas, pandeiros, tamborins e ganzás. Somente os homens realizam a dança, usando chapéus enfeitados de espelhos, paetês e fitas coloridas. As vestimentas são camisas com estampas em cores alegres, calças e tênis branco. Os Cacumbis existem principalmente em Japaratinga e Laranjeiras, onde se apresentam nas festas natalinas, principalmente no dia de Santos Reis, em 06 de janeiro. RIBEIRO, José. Brasil no folclore. Rio de Janeiro: Gráfica Editora Aurora, 1970.

dançando por componentes masculinos, vestidos de calças bancas e blusões nas cores amarelos e azuis com chapéus da mesma cor do blusão enfeitados de fitas. Podemos perceber em sua postura corporal, certa seriedade nas expressões de seus rostos e gestos de braços e pernas.

Um dançar contemplativo toma conta destas figuras do Cacumbi de mestre Deca em louvação aos santos padroeiros dos negros. Embora a alegria esteja presente quando o mesmo grupo está nos palcos em dias de Encontro Cultural outra energia toma conta dos corpos destes brincantes na louvação: o toque nos pandeiros é vigoroso e seus brincantes respondem a ele sambando firme. Ainda sobre o Cacumbi de Mestre Deca, em dias de cortejo fluvial pelo Rio Cotinguiba, mesmo que sejam vigorosas, as formas de tocar e de dançar são contidas seguindo um preceito religioso. O cortejo, embora festivo, é em louvor a um santo, o senhor dos Navegantes padroeiro da cidade.

Performances diferentes dedicadas a cada ocasião podem ser percebidas: conta-se a mesma história com as mesmas danças de forma diferente dependendo do contexto para qual se esta dançando. Embora a dança seja a mesma, objetivo torna-se diferente. Em dias de Encontro Cultural nos palcos a performance é dedicada a encantar e a seduzir o espectador, marcar uma imagem na memória de quem a vê. “O corpo cumpre um papel importante neste momento, materializando a relação entre saber e fazer, dando respostas as necessidades estéticas, rituais e sensoriais.” (Gusmão; 2004.).

A relação entre saber e fazer nas danças existentes em Laranjeiras vai se dando e sendo vivenciadas de acordo com cada momento apresentado ao brincante. Vale lembrar que o rito por vezes é separado do mito e em outras ocasiões eles se religam um ao outro. Eventualmente a imagem do santo padroeiro da dança de São Gonçalo, por exemplo, pode não estar presente em determinadas ocasiões, como nos contou a Mariposa dona Sant’anna: *“sabe, tem eventos que eu prefiro deixar a imagem em casa, ou levo e a deixo fora do palco, como já aconteceu uma vez lá em Aracajú em uma apresentação que fomos convidados...”*.

CAPÍTULO II

Uma Cidade: Um Estudo sobre a Imaterialidade, Patrimônio e Memória

Apresentamos neste capítulo considerações sobre patrimônio imaterial, sua relação com patrimônio material no que tange as políticas levada a cabo pelo IPHAN e pelos órgãos públicos de Sergipe e Laranjeiras e sua relação com a construção e reprodução da memória vivida pelos moradores de Laranjeiras que vivenciam as tradições locais, as quais já nos referimos no capítulo anterior. O termo tradição, assim como cultura popular, são termos a serem considerados, pois são expressões muito utilizadas pelos produtores de cultura deste município. Seguimos, entretanto, o entendimento de CANCLINE, segundo o qual “tradição é um termo que carrega em si a dinâmica permanente da mudança. Modificar-se para continuar existindo, pensar em tradição e transformação como complementares entre si e não excludentes” (1989)

Memórias vivas

No fim do capítulo anterior foram listados os eventos e festas que fazem parte do calendário oficial da cidade e estão catalogadas nos livros do IPHAN. Estes são classificados pelo IPHAN como *Celebrações* e *Formas de Expressão*. Segundo o IPHAN, *Celebrações* são “rituais e festas que marcam a vivência coletiva, a religiosidade, o entretenimento e outras práticas da vida social e como forma de expressão das manifestações artísticas”. As *formas de expressão* “são formas não-lingüísticas de comunicação associadas a determinado grupo social ou região, desenvolvidas por atores sociais (individuais ou grupos) reconhecidos pela comunidade e em relação às quais o costume define normas, expectativas, padrões de qualidade” (INRC – Inventário Nacional de Referências Culturais Manual de Aplicações - IPHAN, 2000).

Em Laranjeiras, *Celebrações* e *Formas de Expressão* são muitas e estão presentes no cotidiano da cidade. O IPHAN desenvolveu um trabalho de mapeamento e vem registrando manifestações que estejam de acordo com estas definições. Durante todo ano há algo para celebrar e uma manifestação ligada à arte para ser vista no município de Laranjeiras. No calendário acima são consideradas um total de onze *celebrações* e são dezesseis *formas de expressão* vigentes na cidade durante todo o ano, segundo o IPHAN. Entre elas algumas foram indicadas para fazer parte do livro de registro oficial como patrimônio imaterial.

Interliga-se neste campo de estudos das tradições populares a idéia de que manifestações culturais têm valor identitário e que estes fatos favorecem e tornam possível a releitura da carta do Folclore Brasileiro de 1951, reeditada em 1995 no VIII Congresso Brasileiro de Folclore em Salvador.

Com esta releitura (em 1995) abriu-se espaço para que de fato fossem efetivadas leis que dessem conta do patrimônio imaterial. O tema imaterialidade esteve durante muito tempo como pano de fundo nas discussões feitas sobre patrimônio. Falava-se de patrimônio material, na importância das edificações e sua arquitetura, mas pouco se dizia do que ali havia sido vivido, dando sentido de “importância” apenas a tal

construção para que esta recebesse o status de patrimônio. Estando em Laranjeiras podemos experienciar o quanto a materialidade pode ser colocada lado a lado com a imaterialidade, somadas uma a outra. As edificações fazem parte da história da gente do lugar. Danças centenárias são dançadas em frente e dentro dos prédios registrados nos livros de tombo do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional seguindo uma tradição de anos revivendo e dando sentido ao “título” atribuído e aceito pela cidade, o de “cidade museu”.

O VIII Brasileiro de Folclore (1995) teve a participação de estudiosos de folclore, e de diversos pontos do país várias comissões se fizeram presentes. Neste congresso, as recomendações da UNESCO sobre salvaguarda do folclore, por ocasião da 25ª Reunião da Conferência Geral, realizada em Paris em 1989 e publicada no Boletim nº 13 da Comissão Nacional de Folclore, janeiro/abril de 1993 foram também levadas em conta. A importância do *folclore* como parte integrante do legado cultural e da cultura viva, é um meio de aproximação entre os povos e grupos sociais e de afirmação de sua identidade cultural. Nestes termos ficou definido o conceito de Folclore:

“Folclore é o conjunto das criações culturais de uma comunidade, baseado nas suas tradições expressas individual ou coletivamente, representativo de sua identidade social. Constituem-se fatores de identificação da manifestação folclórica: aceitação coletiva, tradicionalidade, dinamicidade, funcionalidade. Ressaltamos que entendemos folclore e cultura popular como equivalentes, em sintonia com o que preconiza a UNESCO. A expressão cultura popular manter-se-á no singular, embora entendendo que existem tantas culturas quantos sejam os grupos que as produzem em contextos naturais e econômicos específicos.”(Carta do folclore brasileiro: 1995).

As políticas de patrimonialização estão presentes nas formulações oficiais do Estado desde a primeira metade do século XX. Segundo VIANA (2004): “O anteprojeto de Mário de Andrade, elaborado em 1936, fornecia as bases de criação do então ISPHAN, hoje Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional - IPHAN, e da institucionalização da idéia de patrimônio histórico e artístico nacional.”

A relação entre as políticas de regulamentação para o tangível e o intangível não se deu de forma objetiva. Patrimônios de “pedra e cal” foram salvaguardados, o tombamento, a restauração, conservação e fiscalização do patrimônio material foram práticas bastante desenvolvidas e conhecidas por vários segmentos da sociedade brasileira desde 1937 - quando o IPHAN foi criado. Entretanto, tais instrumentos se apresentavam de difícil aplicação para fatos culturais “intangíveis” como os folguedos, os credos, as danças e a forma de confecção de objetos. Estes podiam ser registrados pelos pesquisadores e divulgadores do folclore, embora sem haver uma forma, um método que os norteasse na construção dos processos de documentação destes registros, e nem garantissem aos mesmos fatos culturais o status de serem classificados como patrimônio imaterial, pois não havia ainda um olhar instituído que favorecesse este processo.

Os registros e estudos por parte dos pesquisadores e folcloristas eram uma forma de catalogação. Segundo ARANTES (2004), “o reconhecimento do valor cultural dos saberes e da expressividade consubstanciados nos objetos e eventos resultantes de práticas coletivas torna este resultados objetos de interesse tanto na esfera local quanto

mais amplamente. Por esta razão destaca-se, a urgência sempre evocada por pesquisadores de registrarem e conservarem o patrimônio, seja no particularismo do âmbito local, seja na escala mais abrangente das ações desenvolvidas pelas instituições públicas.”

Em 2006 foi criada a comissão pela UNESCO para a salvaguarda do patrimônio cultural imaterial. Para melhor atender às determinações legais e criar instrumentos adequados ao reconhecimento e à preservação de Bens Culturais Imateriais, o IPHAN coordenou estudos que resultaram na edição do Decreto lei nº. 3.551, de 04/08/2000 - que instituiu o Registro de Bens Culturais de Natureza Imaterial e criou o Programa Nacional do Patrimônio Imaterial (PNPI) e consolidou o Inventário Nacional de Referências Culturais (INCR).

Especialmente desenvolvidas para esta dimensão do intangível do patrimônio, estudos e pesquisas de salvaguarda do folclore brasileiro e uma política de patrimonialização material dão a base para a formulação do conceito de patrimônio imaterial, bem como toda discussão sobre o assunto nos fóruns internacionais, sobretudo na UNESCO. Entre os anos 70 e 80, com as políticas idealizadas e implantadas por Aloísio Magalhães (um dos diretores do IPHAN) no ano de 1979, o amadurecimento institucional para tratar da dimensão intangível da cultura passou a ser pensado de forma prática. E assim, como resultado de processo de reflexão e aprimoramento de idéias por parte do Estado e representantes de segmentos da sociedade brasileira, o conceito de patrimônio imaterial foi apresentado na Constituição de 1988. Neste ano até o ano de 2000, *IPHAN* cria um grupo de trabalho *no âmbito do Estado*, visando o detalhamento do conceito de imaterialidade e de que forma poderia ser feita a instituição de políticas na área para detalhamento do conceito.

Resultante deste processo surge a carta de Fortaleza (1997) no Seminário Patrimônio Imaterial, onde as estratégias e as formas de proteção dos bens foram discutidas. O objetivo deste seminário foi o de recolher subsídios que permitissem a elaboração de diretrizes e a criação de instrumentos legais e administrativos visando “identificar, proteger e fomentar” os processos de bens “portadores de referência à identidade, à ação e à memória dos diferentes grupos formadores da sociedade brasileira” conforme o artigo 216 da Constituição. É criada assim uma forma que possa favorecer os registros destes bens:

O processo de registro de patrimônio imaterial tem como fim a sua manutenção e preservação. O patrimônio imaterial não será conservado como é feita em referência a obra de arte, as edificações ou aos sítios arqueológicos. O sentido está no instrumento do registro, e este registro pressupõe a notação dos significados peculiares do bem imaterial e suas formas ligadas a identidade, as vivências e os fazeres de determinado grupo.

Desta forma, a garantia de salvaguarda dos bens imateriais estaria sob responsabilidade primeira do IPHAN, que seria responsável pela documentação, proteção, fiscalização, preservação e promoção do patrimônio cultural brasileiro. Ficou então proposto pela carta de Fortaleza (1997) “o aprofundamento do conceito de bem cultural de natureza imaterial, com a colaboração do meio universitário e instituições de pesquisa. A preservação do patrimônio cultural deverá acontecer de forma global, valorizando as formas de produção simbólicas e cognitivas. A busca de parcerias com instituições públicas e privadas devem ser valorizadas com o objetivo de conhecer as manifestações culturais de natureza imaterial, sobre a qual já existam informações disponíveis.

O tombamento da cidade de Laranjeiras como Patrimônio Nacional, na década de 1970, foi acompanhada do *slogan*: “Laranjeiras museu a céu aberto, patrimônio nacional”. Esta é uma expressão assumida pelos grupos sociais da cidade. Segundo Farias (2010), o *slogan*: “vem sendo utilizado em virtude da ligação da memória humana com as atividades sociais, de modo a permitir as manifestações vivas da recordação (...) a conservação dos fatos rememorados depende do meio social”. Deste ponto nos encontramos com a cidade de Laranjeiras e a definição aplicada a ela por seus habitantes e pelas instituições como IPHAN e a Prefeitura da cidade. Concepção do espaço urbano, a compreensão da sociedade como um lugar de interseção, onde se faz possível um diálogo entre os bens de pedra e cal e os bens imateriais.

2.1 O que se pretende guardar para transmitir?

O que estes valores têm a ver com o tempo presente? Hoje o que se guarda pra transmitir? O que há de comum entre um tempo e outro?

Tomamos com chave a proposta de HEINICH (2009) que afirma “A ‘prova’ do patrimônio, a sua autenticidade, também se vê na emoção das pessoas comuns, a emoção dos profanos diante de uma construção ameaçada de destruição seja o princípio de sua entrada na cadeia patrimonial.”.

No que se refere à produção do patrimônio, temporalidade e universalidade estão colocadas neste contexto de valoração do objeto por alguns dos atores. Estes atores se fazem presentes em situações em que “emoções patrimoniais” são evocadas, eles podem estar presentes como: jornalistas, políticos, cidadãos, os poderes públicos, um proprietário privado, a opinião pública ou uma associação. Partindo então do reconhecimento de certas categorias ligadas a emoção e a autenticidade, a cadeia patrimonial se constrói e se efetiva. Entendo ser este o caso da cidade aqui estudada e suas manifestações vivas tradicionais. De fato, esta pluralidade de valores já havia sido afirmada por DURKHEIM (1911) “Existem diferentes tipos de valor. Uma coisa é o valor econômico, outra coisa são os valores morais, religiosos, estéticos, especulativos. As tentativas seguidamente feitas no sentido de reduzir umas às outras as idéias do bem, do belo, do verdadeiro e do útil foram sempre vãs”.

Lopes, em seu artigo “Memória e Transformação Social: Trabalhadores de Cidades Industriais” (2011) nos aponta a possibilidade da criação e recriação dos fatos como de uma memória no processo de criação do novo: “A hipótese da importância do passado, da memória, da história incorporada para a possibilidade de criação do novo. Pode se desenvolver falando da ressignificação dos fatos tendo a memória como base (...) A memória, ela própria, se transforma ao longo do tempo de acordo com as necessidades e as disputas do presente, podendo tornar-se, em certas circunstâncias, um elemento de coesão ou um campo de novos conflitos sociais.”.

As afirmações feitas por Heinich, Durkheim e Lopes nos levam a pensar sobre as questões colocadas anteriormente. A ressignificação dos objetos, dos lugares, dos costumes e manifestações pode servir como ponto de partida para tal ação como já pontuamos anteriormente.

A ressignificação das tradições vivas tendo a memória como base nos serve de entendimento para a utilização do *slogan* “Laranjeiras museu a céu aberto, patrimônio nacional”. Neste caso a criação de um novo modelo de gestão pública que leve em conta

memória e os elementos desta somados ao turismo cultural está diretamente relacionada ao passado a memória do lugar e de suas gentes. A memória sendo ressignificada para ser utilizada como fonte de conhecimento ou poder e obtenção de recursos através do turismo. A afirmação “Laranjeiras Museu a céu aberto, patrimônio Nacional” pode ser entendida de forma empírica durante minha estadia na cidade de Laranjeiras, a partir da ênfase sobre a memória na fala do poder público, assim como na fala dos componentes dos grupos de danças aqui pesquisados. A utilização da memória como fonte de conhecimento e reconhecimento reflete o sentimento de pertença dos que compõem a cidade de Laranjeiras. Os mestres da cultura popular, o poder público, o IPHAN, as escolas do município e moradores da cidade com quem falamos, evocam o passado para relatar o presente e projetar ações futuras. Contando histórias sobre o município, seus acontecimentos históricos e suas manifestações, cada qual ao seu modo, mas utilizando o mesmo tema a tradição do município como um lugar de muitas manifestações culturais.

A utilização da memória é algo significativo. Os grupos e os lugares são vistos como “bens”. A utilização das narrativas sobre o lugar e suas manifestações vivas, assim como os espaços estão presentes durante todo o tempo na fala do poder público e seus munícipes. A utilização da memória em conjunto com as formas arquitetônicas dos casarios, igrejas e mercado, somados a distribuição espacial da feira livre, são elementos que contribuem para a evocação, manutenção, reprodução a produção de memórias do lugar. Embora o sentimento de pertença dos brincantes marque a importância das manifestações como “bens”, o sentido do que é este bem pode ser divergente entre brincantes e gestores. Os gestores tratam como “bens” às tradições vivas e buscam formas de conservação e manutenção dos mesmos tendo em vista a manutenção do “título” da cidade de “cidade-museu capital da cultura popular” ao mesmo tempo em que os brincantes tratam como “bens” suas tradições e as conservam como algo que os liga a uma história própria, onde estão envolvidas crenças, costumes e uma forma particular de conhecimento da história do grupo a qual pertencem.

Neste ponto caberia a questão “O que se guarda para se transmitir? Quem guarda e quem tem o poder de transmitir?” Em uma cidade onde a evocação da memória é um exercício, há de se prestar a atenção no descompasso entre as políticas ligadas ao patrimônio e as ações que busquem preservar estes objetos que são receptáculos dos valores de um determinado grupo social. As ações propostas pelos Museus mobilizam jovens, crianças e seus pais. O que dizer das condições de manutenção destes acervos e de seus espaços de guarda? A utilização de uma memória coletiva implica a conservação dos objetos patrimonializáveis.

As leis de incentivo a cultura somadas às ações da secretaria de cultura local e as ações de educação patrimonial propostas pelo IPHAN são colocadas a serviço da produção desta memória coletiva. Baseada nesta política pública direcionada à manutenção e produção da memória tomando a cultura popular como fio condutor deste processo, a cidade de Laranjeiras se coloca como ponta de lança no estado, propondo ações ligadas à produção cultural e patrimonial aos demais municípios de Sergipe, liderando fóruns onde os temas têm referência direta sobre cultura, identidade, turismo, sustentabilidade, religiosidade popular e meio ambiente.

POLLAK (1989), em seu artigo “Memória esquecimento e silêncio”, se refere à utilização da memória coletiva. Ele nos diz que “a manutenção de uma memória coletiva organizada é que resume a imagem que uma sociedade e seus governantes querem passar (...). Distinguir entre conjunturas favoráveis ou desfavoráveis às

memórias marginalizadas é de saída reconhecer a que ponto o presente colore o passado. Conforme a circunstância ocorre a emergência de certas lembranças.”

Recordar as tradições e manifestar a memória são práticas efetivas na cidade de Laranjeiras. Brincantes, gestores municipais, IPHAN e a Universidade Federal de Sergipe compõem um conjunto de atores que se empenham em desenvolver ações produzindo uma memória local. A produção desta memória vem se dando com o decorrer do tempo. O valor dado aos acontecimentos do cotidiano marca uma forma identitária da cidade, embora cada um desempenhe um determinado papel, todos os atores implicados no processo juntos caminham para o mesmo sentido, o sentido da fundamentação da titularidade da cidade de Laranjeiras como “a capital da cultura popular”. Os brincantes o fazem na manutenção de seus brinquedos, de suas danças, folguedos e festejos, rememoram histórias de um tempo onde festejar era o sentido através dos encontros na porta e no altar da Igreja de São Benedito em dias de Reis. Hoje, amparados por políticas de manutenção voltadas para a cultura, já sabem que seu fazer é de “valor”. Alguns destes mestres já foram reconhecidos como “tesouros vivos” e recebem um salário mensal por isso. Assim, afinados com o discurso referente a patrimônio, seguem produzindo e mantendo seus brinquedos.

O gestores municipais se ocupam em gerenciar as verbas destinadas ao fomento cultural e ao turismo ainda em busca de implantar uma gestão onde a cultura local venha a ser produtora de trabalho e renda para o município. A busca de parcerias é uma constante, tanto no setor público como no privado. Editais e premiações são estudados. Os órgãos federais como IPHAN e a Universidade Federal de Sergipe seguem propondo ações que garantam o entendimento do que significa ser uma cidade “capital da cultura popular” A memória é a base para tal ação e a disputa por esta memória se apresenta por vezes dentro deste conjunto de atores. Aos brincantes cabe o quinhão do entretenimento do público com seu fazer cotidiano, ou seja, as suas manifestações centenárias.

Por vezes, a insatisfação deste ator (o brincante) é manifestada de forma pública nas solenidades de abertura deste ou daquele evento cultural. Um mestre popular, eleito por uma associação, é responsável por informar as demandas surgidas e zelar por esta memória, reivindicando direitos eventualmente negligenciados. LE GOFF (1992) nos fala dos “Homens memórias”: “(...) que são a “memória da sociedade” e que são simultaneamente os depósitos da história “objetiva” e da história “ideológica” (...) esses personagens “na humanidade tradicional” desempenham o importantíssimo papel de manter a coesão do grupo”. Para tanto evoca o passado e as histórias, reivindicando a importância de seus brinquedos, festas e celebrações, marcando um lugar, como parte viva e geradora, desta memória, “A memória coletiva é não somente uma conquista, é também um instrumento e um objeto de poder” afirma LE GOFF (1992) e como tal é evocada em tempo por um ou outro ator brincante.

Na abertura do Encontro Cultural do ano de 2013 no auditório da UFS, o mestre Zé Rolinha (representante oficial dos mestres populares), diz referindo-se aos políticos do lugar: “*Os senhores, e sua participação no Encontro Cultural, pegaram carona em nossa celebração de fé e alegria*”. Esta fala de mestre Zé Rolinha nos leva a pensar sobre relações contidas entre os grupos, seus mestres e o poder público local, no que se refere à disputa do uso de uma memória que, embora seja comum a todos os moradores de Laranjeiras, torna-se objeto de poder, notoriedade e reconhecimento. Leva-nos a pensar sobre estas manifestações como ferramentas que constroem e reconstrói o patrimônio (e a memória) local, uma memória que se molda de acordo com a forma de direcionamento político partidário instituído em determinada época.

Os gestores municipais, por sua vez, reivindicam esta memória e a “gerenciam” em busca de uma produção objetiva de cultura, turismo para gerar renda. Sintomática é a fala do Prefeito Juca de Bala, na abertura do Encontro Cultural de Laranjeiras em 2013. “(...) sabendo do valor destes encontros e das manifestações aqui apresentadas, já estou tratando para que este Encontro Cultural se torne um programa de governo do estado de Sergipe”.

Esta fala do prefeito nos aponta uma chave no que diz respeito à memória e para disputa por sua produção e manutenção na cidade. Sabendo que este elemento, *a memória* é algo significativo no município de Laranjeiras, estariam de um lado os mestres e suas manifestações vivas e do outro lado o poder público, na figura de seus agentes, voltados para as políticas públicas de fomento destinadas a cultura e ao turismo, visando à possibilidade de captação de verbas através destas rubricas de fomento (formas de captação de recursos). A gerência desta memória vem garantindo e mantendo o Encontro Cultural que no ano de 2015 contará com sua quadragésima edição. O IPHAN e a Universidade Federal de Sergipe seguem na manutenção e produção desta memória, apoiando estudos, criando ações de educação patrimonial, sediando eventos ligados ao tema patrimônio material e imaterial. Por fim, todos os atores deste conjunto estão implicados em um só objetivo: o fomento da cultura do município, que faça valer o título da cidade “Cidade museu a céu aberto – Capital da cultura popular.”



Figura 5: Laranjeiras Museu a Céu Aberto" - Foto Luciana Aguiar



Figura 6: "propaganda da Cidade em dias de Encontro Cultural"



Figura7: "Eu visto a camisa"

Entendemos que o termo tradição não implica recusa à mudança, da mesma forma que a modernização não exige a extinção das tradições. A questão é que a narrativa da modernidade se produz como oposição a tradição como uma superação. Empiricamente vamos percebendo que elas são imbricadas, especialmente no que se refere aos grupos do município Laranjeiras.

Para nos favorecer a pensar o tema da cultura popular, ORTIZ (1985) nos aponta que em meados do século XVII a fronteira entre cultura popular e cultura de elite não estava bem delimitada, a nobreza participava das crenças religiosas e dos jogos realizados pelas camadas populares. O mesmo não pode se dizer da participação do povo em relação ao universo das elites. O processo de sobreposição de uma cultura sobre a outra se fez, intensificando. O popular poderia ser interpretado como a “alma nacional” e as manifestações folclóricas estariam como meio eficiente para afirmar uma identidade nacional.

No Brasil, Silvio Romero (um dos iniciadores dos estudos folclóricos brasileiros), Celso de Magalhães e Couto de Magalhães, entre outros dão início a investigação sobre as origens das características das manifestações folclóricas no início do século XX. Estas serviriam como base para a construção e afirmação de uma identidade (dita) nacional. Para que a investigação ocorresse, se fazia necessário entrar em contato com o povo, onde uma espécie de arquivo de memória estaria contido. FRADE (1997) nos diz que: “Tratando se de uma proposta eminentemente prática, isto é, a busca do conhecimento de fatores considerados culturais, porém peculiares ao “povo” algumas de ordem material (...) outras como as lendas e as danças e os provérbios. A necessidade do estudo destes espaços estava incluída no modo de compreender a vida humana e os fenômenos a ela relacionados.”

Assim como a necessidade de estudar as lendas, as danças e os provérbios, também se fazia necessário prestar atenção nas edificações (por vezes em ruínas), eleitas como espaços de evocação da memória do lugar. O uso dos espaços (e da cidade) como locais de salvaguarda de memória e abrigo de objetos e costumes que favorecessem a evocação desta memória se tornou prática em Laranjeiras. Neste contexto, estão situados na cidade prédios restaurados pelo IPHAN que lhe garante o “título” de “cidade museu a céu aberto”.

2.2 Falando de pedra e cal, memória e imaterial: Laranjeiras cidades Museu a céu aberto, patrimônio nacional. - O discurso corrente.

“Museu a céu aberto”, “cidade museu a céu aberto”: este termo foi utilizado em referência à cidade de Laranjeiras pela primeira vez na década de 1970, pelo então ministro da educação Jarbas Passarinho, em visita a cidade. Desde então, Laranjeiras é apontada pelo discurso corrente do município como “museu a céu aberto”. Este título vem sendo utilizado por políticos, poetas e intelectuais do lugar como um *slogan*, fundando uma memória, um sentido identitário na história da cidade sergipana. É comum nos dias de hoje encontrar fotos e anúncios na cidade e em sites referentes à Laranjeiras utilizando este sentido evocando uma memória.

Para que servem os museus? Vale nos questionar, segundo o IBRAM - Instituto Brasileiro de Museus: “Museus são como pontes, portas e janelas que ligam e desligam mundos, tempos, culturas e pessoas diferentes”. No caso da cidade de Laranjeiras a cidade seria uma ponte, uma porta que faria ligação com outro tempo, outra cultura?

Nestes casos valores são implicados ao objeto, a cidade, dando um sentido diferenciado à memória e a história contida do mesmo. Restauro e preservações estão colocadas como recurso para a manutenção dos valores relacionados à

patrimonialização. Conservar estas edificações implica em favorecer a atmosfera da cidade, considerada por parte dos seus como (uma cidade) museu. Vejamos:

O mesmo município é um dos poucos onde ainda se pode ver a força da arquitetura colonial. Ruas, casarios, igrejas, tudo respira a mais pura história. Laranjeiras já foi uma das mais importantes cidades sergipana. Berço da cultura, educação, política e economia. Por pouco ela não se tornou capital do Estado. (Trecho retirado do Site oficial da Cidade de Laranjeiras SE.)¹⁴

Discutir patrimônio atualmente exige a necessidade de realizar uma discussão conceitual sobre o que significa materialidade e imaterialidade em termos patrimoniais e o que está implicado nestes termos. O conceito de patrimônio imaterial é colocado em contraposição ao conceito de patrimônio material. Na Constituição de 1988, e depois, através do Decreto Lei 3.5511/2000, ficaram estabelecidas legalmente quatro dimensões do patrimônio imaterial: *celebrações, saberes, formas de expressão e lugares expressivos* das diferentes identidades conformadoras da diversidade cultural do país. Partindo deste ponto, foram criados instrumentos de identificação, proteção e salvaguarda desse chamado patrimônio imaterial. Em vista disto questões começam a surgir a respeito do que é patrimônio imaterial, e que dizem respeito à *definição do objeto cultural patrimonializável*. Definir o que é este objeto cultural patrimonializável é dar um valor definido, ligando-o a uma história, é criar uma gama de significados para ele, ou seja, ressignificar algo como uma casa, uma forma de vestir, tecer uma renda ou uma comida, por exemplo.

O que é patrimônio cultural imaterial? Segundo os registros encontrados nos documentos do IPHAN datados de 09 de setembro de 1999:

“Ao invés de termos uma definição a priori, dogmática, optamos por remeter o conceito inicialmente aos parâmetros genéricos definidos no próprio textos da constituição de 1988 A Constituição Federal de 1988, nos artigos 215 e 216, estabeleceu que o patrimônio cultural brasileiro é composto de bens de natureza material e imaterial, incluídos aí os modos de criar, fazer e viver dos grupos formadores da sociedade brasileira. Os bens culturais de natureza imaterial dizem respeito àquelas práticas e domínios da vida social que se manifestam em saberes feiras e santuários que abrigam práticas culturais coletivas, e sua utilidade esta diretamente ligada a proteção preservação de uma continuidade histórica.”, ofícios e modos de fazer; celebrações; formas de expressão cênicas, plásticas, musicais ou lúdicas e nos lugares, tais como mercados,

O patrimônio material protegido pelo IPHAN, com base em legislações específicas é composto por um conjunto de bens culturais classificados nos quatro Livros do Tombo: arqueológico, paisagístico e etnográfico; histórico; belas artes; e das artes aplicadas.

Estão divididos em bens imóveis como os núcleos urbanos, sítios arqueológicos e paisagísticos e em bens individuais; e móveis como coleções

¹⁴<http://www.laranjeiras.se.gov.br/>

arqueológicas, acervos musicológicos, documentais, bibliográficos, arquivísticos, vídeo gráficos, fotográficos e cinematográficos. A noção de patrimônio por vezes é confundida com a de propriedade. Segundo Gonçalves, nem sempre estes bens têm atributos práticos e utilitários. Estes carregam também os significados mágico-religiosos e sociais. “Nos contextos sociais e culturais modernos, esse aspecto mágico não está ausente das representações da categoria “patrimônio”, embora esta tenda a ser delineada de modo nítido, separadamente de outra totalidade” (2009).

O Intangível

Segundo a UNESCO, “O Patrimônio Cultural Intangível ou Imaterial compreende as expressões de vida e tradições que comunidades, grupos e indivíduos em todas as partes do mundo recebem de seus ancestrais e passam seus conhecimentos a seus descendentes”.

No contexto do patrimônio histórico material e imaterial, em Laranjeiras, há um vasto campo de estudos e de atuação. Este campo é apresentado em forma de monumentos e expressões culturais e turísticos. Uma das cidades mais antigas do país (1606) dividindo este título com a cidade vizinha de São Cristóvão (1590), Laranjeiras guarda além de prédios antigos registrados nos livros de tomo do IPHAN, os grupos de danças, com suas tradições populares, que em seu cotidiano sugerem um diálogo entre passado, o presente e futuro. Implicados neste diálogo estão: os brincantes, os gestores culturais e o IPHAN, que seguem produzindo e reproduzindo a história do lugar e de seus habitantes, apontando um fazer onde a imaterialidade e a memória são elementos indispensáveis. Esta afirmação pode ser compreendida se prestarmos atenção na seguinte fala de autoria do atual secretário de cultura do município:

“(…) O fazer cultural é uma atividade que muitos não tem a menor idéia do que seja, e nem tão pouco da sua importância em nossos dias. A relevância em difundir a cultura é provocar o desenvolvimento da sociedade e acentuar a percepção crítica da população para entender e formar uma visão própria acerca de suas crenças, seus mitos, suas tradições, seus equipamentos e suas expressões culturais como sua dança e seu canto, sua musicalidade, seus costumes e seu folclore. Gestão da cultura hoje, se institucionalizou de tal forma, que não se faz nada sem planejamento para viabilizá-la, e através dos projetos culturais e que iremos buscar recursos para fazê-la acontecer, (Irineu Fontes, secretário de cultura do município de Laranjeiras em – 13/02/2013, publicada em sua página no Facebook).

Esta afirmação nos remete a pensar a forma como se dá a produção de uma memória da cidade por parte de seus gestores, onde método, planejamento são somados a cultura local como uma estratégia para conduzir a produção da memória através da reorganização das lembranças e dos costumes do povo do lugar.

Ilustrando, no caso da evocação da memória podemos tomar como exemplo o Rio Cotinguiba citado em livros de história, prosas e versos sergipanos, como rio importante para o progresso da cidade de Laranjeiras. Rio onde em suas margens as laranjeiras ofereciam sombra aos viajantes nos tempos de fundação da cidade. Este mesmo rio corta a cidade, em suas margens os casarões restaurados pelo IPHAN, no centro da cidade. Pescadores ainda tiram sustento de suas águas.

Hoje, e em dias de festa dedicada ao Senhor dos Navegantes, na abertura da festa do Padroeiro da Cidade comemorado em fevereiro, pequenas canoas saem em cortejo fluvial com sua “tripulação de marujos” vestidos a com suas fardas a caráter (como marinheiros) e com espadas em punho, descem o rio a bordo de suas canoas cantando em louvor ao Senhor dos Navegantes. Saem de um pequeno cais próximo ao Centro de Tradições da cidade e seguem até onde o Rio Cotinguiba desemboca com o mar.

2.3 O Tangível e O Intangível no centro de Laranjeiras: Nagô/Taieiras

Falamos anteriormente de três manifestações tidas como as mais antigas do Povoado da Mussuca. Vale ressaltar outras duas manifestações também antigas, segundo a história oral dos grupos do centro da cidade: a Nagô/ Taieiras¹⁵.

A Taieira é uma dança ritual, realizada por mulheres e crianças que fazem parte da Irmandade de Santa Bárbara Virgem. Tendo ligação direta com a Irmandade de Santa Bárbara Virgem (a Casa de Nagô de Laranjeiras), a dança da Taieira faz a sua louvação aos santos católicos padroeiros dos negros dentro da igreja de São Benedito em dia dedicado aos Santos Reis. A Irmandade é liderada por Bárbara, a Loxa - um cargo equivalente ao de zeladora do santo, “mãe de santo”, ou líder espiritual.

O grupo se reúne no terreiro da Irmandade Nagô e de lá segue em cortejo até a igreja de São Benedito na parte alta da cidade. Ali ocorre a coroação da uma rainha negra membro da Irmandade de Santa Barbara Virgem - a coroação da rainha das Taieiras é feita pelo pároco local. É tirada a coroa da cabeça da Virgem do Rosário e colocada pelas mãos do padre na cabeça de negra Taieira escolhida para reinar durante todo o ano de festejos. A coroa de Virgem do Rosário em tempos de festejo deixa o acervo do Museu de Arte Sacra da Cidade de Laranjeiras. Na Taieira, a dança é realizada por meninas e mulheres, um menino marca o ritmo no tambor. Em fila dupla, sempre girando no compasso do ganzá e dos cantos. O grupo das Taieiras se apresenta principalmente em festas religiosas de Nossa Senhora do Rosário, São Benedito e Santos Reis¹⁶.

"Destaca-se a longevidade da tradição de eleger reis e rainhas negros e adotá-los de corte e cortejo dançante, que se conserva pujante e vital do século XVI ao XXI, desde as primeiras notícias da coroação de reis negros nas irmandades negras do Rosário, em Portugal, no século XVI, aos reis congos das festas do calendário católico, ou festivais folclóricos, no Brasil dos dias de hoje. (Monteiro;2011;p.59)

¹⁵ Valho-me para esta discussão de Oliveira (1935) e de dados da Secretaria de Cultura de Laranjeiras.

¹⁶ Outra manifestação importante da Casa de Nagô, da qual vimos uma breve narrativa no calendário dos festejos da cidade, é a celebração chamada “O corte do Inhame” como uma das manifestações que atravessaram o tempo e se fixaram na cidade como parte das tradições vivas do lugar. Esta celebração foi catalogada pelo IPHAN de Sergipe. Cacumbi: Originária do Congo - África, o Cacumbi é uma dança onde participam o "rei negro" e seus "cacumbis", ou seja, seus nobres guerreiros ou vassalos. A coreografia da dança é bastante alegre, com evolução e movimentos vivos e contínuos ao som de apito, cuícas, pandeiros, tamborins e ganzás. Somente os homens realizam a dança, usando chapéus enfeitados de espelhos, paetês e fitas coloridas. As vestimentas são camisas com estampas em cores alegres, calças e tênis branco. Os Cacumbis existem principalmente em Japarutuba e Laranjeiras, onde se apresentam nas festas natalinas, principalmente no dia de Santos Reis, em 06 de janeiro.

"É preciso respeitar a natureza a lógica interna dessa totalidade em que a dança esta inserida, evitar pensá-la de forma abstrata, separada de seu contexto de criação, fruição e reprodução" (Monteiro;2011; p.60).

A relação dos festejos com o acervo dos museus da cidade de Laranjeiras é significativa. Todos os fatos e lugares têm referência direta com a memória da cidade e ações são pensadas para fomentar a permanência, a produção e reprodução destas memórias. Seguindo a orientação de Monteiro dada em seu livro: Danças Populares Espetáculo e Devoção (2011), tivemos o cuidado ao estudar as danças, desta cidade não deixando escapar ao olhar o sentido que lhe dá o valor enquanto elemento que comunica e fomenta a memória local, sendo esta a memória elemento básico para a construção do patrimônio seja ele material ou imaterial.

No contexto da festa se articulam significados simbólicos e religiosos, compartilhados pela comunidade que dela participa, códigos internos existem regendo cada manifestação. Desconhecê-los impede a apreciação da expressão peculiar desta comunidade. Peculiaridade que neste caso se refere à Irmandade de Santa Barbara Virgem, pois sendo este terreiro um dos espaços mais antigos ligados a tradições vivas do município, podemos perceber a presença de traços da Irmandade em todos (ou quase todos) os espaços da cidade, sejam este espaço de pedra e cal ou de imaterialidade. No que se refere à aos espaços de pedra e cal, podemos citar a Casa de Ti Herculano. A casa foi herdada por sua viúva Bernarda Barbosa e os orixás de Ti Herculano passaram aos cuidados dos seus descendentes. O cargo de chefia do grupo foi transmitido a Loxa Umbelina Araújo, no início do século XX, que passou a realizar parte dos festejos em sua própria casa O Terreiro da Irmandade de Santa Bárbara Virgem (na Rua Umbelina Araújo), onde Bárbara nascera, fora criada e confirmada pelos Orixás para ser a próxima Loxa em caso da morte de Umbelina.

Contudo, a Casa de Ti Herculano permanece como casa matriz e espaço referencial da tradição Nagô em Laranjeiras. "A noite do dia 22 de janeiro de 2012 foi marcada por muito festejo, a Casa de Ti Herculano, localizada no bairro Comandaroba, em Laranjeiras, realizou o primeiro Corte do Inhame, que acontece a cada dois anos naquele local, e esta é a primeira vez que acontece o festejo após ser restaurada pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN), e entregue em abril de 2011. (Fonte: Ascom/ IPHAN).

A Casa de Ti Herculano remonta à segunda metade do século XIX, e foi o segundo espaço em que se organizaram os cultos coletivos de matriz africana em Laranjeiras. Dos museus aos cortejos, das danças a devoção local, da festa do Lambe Sujo ao Encontro Cultural de Laranjeiras¹⁷, lá estará a Irmandade de Santa Barbara Virgem.

Acredito valer a pena levantar a questão sobre a participação desta Irmandade como um grupo que possui (ou possuiu) um papel político dentro da cidade de Laranjeiras. Embora não tenhamos tempo de tratar aqui nestes estudos esta questão de forma aprofundada e merecida, percebemos ser importante tomar consciência desta possibilidade.

No que se refere ao Museu de Arte Sacra de Laranjeiras ele abriga um acervo que toma conta dos seis cômodos de uma casa localizada na Praça Heráclito Dinis

¹⁷ Ver calendário de festas.

Gonçalves, Centro da cidade. A fundação deste museu data de 1995. Uma casa de arquitetura antiga que serviu como residência dos Francos, uma família tradicional sergipana ligada a história política do estado. Seus cômodos abrigam peças do século XVII, ao século XX. São imagens de santos de vários tamanhos, mobiliário, estandartes, fotos, quadros e objetos de prata. Entre estes objetos de prata há uma coroa que em dias de Encontro Cultural é retirada do acervo do museu, levada até a igreja de São Benedito e colocada na cabeça da imagem de Nossa Senhora do Rosário, onde permanece até a coroação da Rainha das Taieiras. Esta coroa vai “pousar” pelas mãos do pároco da cidade, na cabeça da negra escolhida através do “mistério” (ou indicação dos ancestrais) da irmandade de Santa Barbara Virgem - a Casa de Nagô de Laranjeiras.



Figura: 8 Coroa e santíssimo - Acervo Museu de Arte Sacra de Laranjeiras

Assim como a coroa, imagens e estandartes são colocados a disposição dos devotos, brincantes e pároco da cidade em dias de festejos. Entre o acervo de quadros e fotos, encontramos a foto de uma mulher negra. Perguntando ao guia do Museu de Arte Sacra sobre esta foto. Ouvimos do guia que: “A professora Zizinha foi muito católica, há peças aqui que foram dela e doadas ao museu por seus familiares, por isso ela está aqui com o acervo do Museu”. Seu nome é Ufrozina Amélia Guimarães, nascida em 1872. Professora Zizinha Guimarães, como é carinhosamente conhecida na cidade, dá nome a uma escola municipal. Contam-nos também que: “Zizinha era uma mulher negra, neta de escravos que por seus esforços aprende a ler e escrever, vai então estudar na Escola Inglesa, torna-se professora e passa a lecionar no município.”

Com estes exemplos podemos compreender o entrelaçamento das histórias de Laranjeiras, seus festejos, seus personagens bem como de seus objetos e edificações na função de mantenedores e produtores de uma memória. A relação dos Museus da cidade e seu acervo são inseparáveis de o uso deste acervo por sua gente. A foto da professora que faz parte da história do lugar e os objetos sacros que a ela pertenciam somam-se em um enredo produzindo uma história onde imaterial e material se completam. A devoção e arte, o mito e o rito são traços marcantes em quase todas as danças populares

brasileiras. Uma religiosidade que nos remete ao caráter do dançar para celebrar. Neste encontro de culturas, perante aos mecanismos de interação social, o atravessamento se dá e modificações ocorrem a partir deste ponto de encontro garantindo a manutenção da tradição e a produção de memória. A forma aqui encontrada de exemplificar este processo foi relatar o entrelaçamento destas manifestações vivas, dando enfoque ao Nagô, as Taieiras e ao acervo dos museus de Arte Sacra e Afro e relacioná-lo com a questão de materialidade e imaterialidade em Laranjeiras.

O Museu Afro, assim como o Museu de Arte Sacra, são locais de referência no que se diz respeito a produção da memória do lugar. Fundada em 1976 está localizado na Rua José Pedro Franco mais conhecida como Rua Direita, no centro da cidade. Ali, além de encontrarmos peças que nos remetem ao ciclo da cana de açúcar na sala principal no primeiro piso. Encontramos também objetos que narram o cotidiano deste período, como uma cozinha montada com pilão, fogão a lenha, louçaria, panelas de barro e uma grande mesa com bancos.

No primeiro piso, a disposição dos objetos está colocada como se nos contassem a história de um determinado tempo. Na parte superior do solar que data do século XIX, encontramos a reprodução de uma de culto a “Mesa Nagô” nela estão dispostos pratos e uma moringa cobertos com morim de cor branca, ao lado uma narrativa escrita sobre estes objetos sagrados. Dividindo o espaço desta sala, há uma fotografia de um dos “pais de santo” dito como o mais antigo do lugar.

Em datas que têm referência direta com a cultura negra o Museu Afro abre suas portas com uma programação direcionada às escolas locais, alunos e professores e alguns pais são recebidos nos jardins do Museu (onde há um acervo de plantas ligadas a cultura negra). Há jogos e brincadeiras cujo tema é o assunto da comemoração são propostos às crianças. A visita guiada é uma constante. A interação dos Museus de Laranjeiras com as escolas do município e com o IPHAN pode ser mais bem percebida nesta unidade onde podemos acompanhar algumas ações ligadas ao projeto Primavera dos Museus – Parceria IPHAN e Secretarias de Cultura e Educação.

Mais dois Acervos estão sediados em Laranjeiras, na Casa João Ribeiro localizada na rua de mesmo nome. Está abrigado um acervo composto de livros, quadros e móveis do folclorista João Ribeiro nascido em 1836. A Casa não estava aberta ao público quando visitei, pois aguarda ser reformada. O “Museu do Folclore” não é propriamente um museu. Existe um acervo que é composto de vestimentas, instrumentos, bonecos, livros e poucas fotos que estão ocupando uma sala no segundo andar no prédio da Biblioteca Municipal. Também não está aberta à visitação pública. O acervo aguarda a restauração de um espaço para abrigá-lo.

Uma das possibilidades de espaço para este acervo é a Casa do Folclore Zé Candunga. Pouco podemos saber em relação a esta Casa do Folclore Zé Candunga, o prédio está sendo restaurado com verbas destinadas ao PAC do governo federal, a casa encontra-se em obras e fechada para a visitação. Está localizada em frente a Igreja de São Benedito e Senhora do Rosário, ponto de culminância para os cortejos da festa de Santos Reis. Quanto a Zé Candunga, contam os moradores da cidade que foi um mestre brincante muito participativo que nasceu e morreu na cidade.

2.4 O que é patrimônio em Laranjeiras: de” pedra e cal” e “imaterial”

Laranjeiras	Igreja Matriz do Sagrado Coração de Jesus	Federal	Igreja	1943
Laranjeiras	Igreja da Comandaroba	Federal	Igreja	1943
Laranjeiras	Casa Grande e Capela de Santo Antônio do Antigo Engenho Retiro	Federal	Engenho	1943
Laranjeiras	Capela do Antigo Engenho Jesus, Maria e José (em abandono)	Federal	Ruínas	1943
Laranjeiras	Conjunto Arquitetônico	Estadual	Cidade histórica	1971
Laranjeiras	Terreiro Filhos de Obá	Estadual	Terreiro	1988
Laranjeiras	Gruta da Pedra	Estadual	Gruta	1990
Laranjeiras	Conjunto Arquitetônico, Urbanístico e Paisagístico	Federal	Cidade histórica	1996
Divina Pastora/Laranjeiras *	Renda Irlandesa	Estadual	Modo de fazer	2008



Figura 9: O fazer da Renda Irlandesa

No que se refere ao registro definitivo nos livros do IPHAN sobre bens imateriais, o único registro de fato é sobre a Renda Irlandesa. Outros bens ligados a imaterialidade presentes em Laranjeiras foram catalogados pelo IPHAN em 2011. Alguns destes bens tiveram sugeridos seus registros definitivos nos livros do IPHAN.

Embora a Renda Irlandesa seja um bem imaterial catalogado como um modo de fazer artesanal registrado como originário do município de Divina Pastora (município vizinho a Laranjeiras), o modo de fazer a renda é bastante presente em Laranjeiras. Há um grupo de mulheres rendeiras que se reúnem diariamente no centro

de Tradições e Artesanatos da cidade de Laranjeiras, elas rendam, expõe suas peças de Renda Irlandesa e vendem seus trabalhos.

A Brasilis, firma de consultoria contratada pelo IPHAN em 2007 com a função de inventariar os bens ainda não catalogados pelo órgão, ao findar o trabalho de inventário no ano de 2011 sobre os bens patrimonializáveis em Laranjeiras, recomenda para etapa de registro definitivo nos livros do IPHAN os seguintes Bens:



Figura 10: Cacumbi de Mestre Deca

* Cacumbi de Mestre Deca dança (Centro da Cidade)



Figura 11: Crianças "Do São Gonçalo da Mussuca"
São Gonçalo do Amarante dança



Figura 12: Lambe Sujo "Taqueiro com chicote" Lambe Sujo e Caboclinhos (Centro da cidade)



Figura 13: Taieiras no altar- Igreja de São Benedito* Taieiras dança(Centro da cidade)



Figura 14: Rua das Pedras de Laranjeiras edificação (Centro da cidade)



Figura 15: Feira de Laranjeiras (Centro da Cidade) -Centro da Feira - Manhã de Sábado"

E, por fim, a Casa de Farinha de seu Antônio – Edificação (Mussuca). Da qual não temos registros fotográficos.

Todos os bens indicados a serem registrados definitivamente como Patrimônio estão diretamente ligados a imaterialidade, mesmo a Casa de Farinha e a Rua das Pedras, que carregam em suas edificações materializadas uma forma de memória

imaterial, visto que a Casa de Farinha de Antônio na Mussuca guarda em sua construção a memória de uma forma de fazer a farinha artesanal dos antigos moradores do povoado. Assim como na Rua das Pedras, além das pedras antigas que marcam uma época da cidade, esta implícita em sua construção uma forma de fazer artesanal desenvolvida e executada pelos negros trabalhadores do lugar, um valor de um fazer artesanal: imaterialidade e edificação (o calçamento).



Figura 16: Calçamento "Rua das Pedras"

O IPHAN presta assessoria à cidade de Laranjeiras desde 1943, data do primeiro tombamento material na cidade. Não havia nesta época um acompanhamento efetivo deste órgão federal, com o decorrer dos anos em 1996 devido o tombamento do Conjunto Arquitetônico, Urbanístico e Paisagístico - Cidade Histórica é firmado um convênio entre o IPHAN e a prefeitura local. A partir deste ano o órgão passa a utilizar uma das pequenas salas na Escola de Música da cidade, prestando atendimento à população.



Figura 17: "Porque estamos aqui?" Foto: IPHAN

Em resposta a questão colocada na foto do IPHAN/Brasília - "*Porque estamos aqui?*" sobre sua presença no município, podemos dizer que empresa: Brasília contratada pelo IPHAN em 2007 esteve presente no município de Laranjeiras fomentando ações que favorecessem aos seus pesquisadores identificar as Celebrações, os Ofícios e Modos de Fazer, as Formas de Expressões e os Locais que retratam a cultura e a memória junto aos moradores, como esta proposto no item 8 da Carta de Fortaleza datada de 14 de novembro de 1997 escrita no Seminário denominado "Patrimônio Imaterial: Estratégias e Formas de Proteção" em comemoração aos 60 anos de criação do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional –

"Toda ação de recuperação deverá ter o ser humano como protagonista, sendo ele considerado como o produtor, o transmissor e o portador de modelos culturais identitários". Na medida em que o desenvolvimento humano de uma localidade, ou de um país, esteja garantido, a preservação do seu patrimônio, no seu sentido mais amplo será iniciada. (Leal Spengler; 2005).



Figura 18: Mestres informando consultores da Brasília/IPHAN – colheita de dados com os Mestres Populares do Povoado da Mussuca.

Segundo o projeto Base do IPHAN/Sergipe iniciado em 2007, é considerado “como base a importância do que a comunidade de Laranjeiras destaca como representativo de sua identidade cultural, isto constitui o princípio norteador da seleção dos bens a serem identificados e definiu o eixo focal das atividades desenvolvidas”, (INCR, 2011).

Embora estejam catalogadas no INCR – Inventário Nacional de Referências Culturais desde novembro de 2011, os Ofícios Modos de Fazer e as Formas de Expressão da cidade de Laranjeiras, ainda não foram reconhecidos como patrimônio pelo IPHAN.

O processo de catalogação é um dos procedimentos para que o processo de patrimonialização aconteça. Os Ofícios e Modos de Fazer assim como as Formas de Expressão são categorias definidas pelo IPHAN. Tem o objetivo registrar de forma detalhada os modos de confecção do artesanato, as rezas e os modos de dançar de determinados grupos da cidade. Esta necessidade de catalogação vem dar fundamento a ação voltada para a produção e reprodução de memórias que contribuam para a definição da identidade da cidade.

O que são segundo o IPHAN:

Ofícios Modos de Fazer “Atividades desenvolvidas por atores sociais (especialistas) reconhecidos como conhecedores de técnicas e de matérias-primas que identifiquem um grupo social ou uma localidade. Este item refere-se à produção de objetos e à prestação de serviços que tenham sentidos práticos ou rituais, indistintamente. Entre estes se encontram a carpintaria no sul da Bahia, a confecção de painéis de barro no Espírito Santo, a manipulação de plantas medicinais na Amazônia, a culinária em Goiás Velho, o benzimento nas várias regiões do país, as variantes regionais de técnicas construtivas, do processamento da mandioca ou da destilação da cana, entre muitos

outros. Tal como no caso anterior, os modos de fazer não serão inventariados em abstrato, mas através da prática de determinados executantes”. (INCR;2011;IPHAN).

Formas de Expressão: “Formas não-lingüísticas de comunicação associadas a determinado grupo social ou região, desenvolvidas por atores sociais (individuais ou grupos) reconhecidos pela comunidade e em relação às quais o costume define normas, expectativas, padrões de qualidade, etc. Incluem-se nesta categoria o cordel, a cantoria e a xilogravura no Nordeste, diversas variantes do Boi (o boi bumbá, o boi duro, o bumba meu boi, etc.) em várias regiões do Brasil, a moda de viola e a catira no centro-sul, a ciranda no litoral pernambucano, a cerâmica figurativa no vale do Jequitinhonha, etc. Neste caso, serão inventariadas não as linguagens em abstrato, mas o modo como elas são postas em prática por determinados executantes”. (INCR;2011;IPHAN).

A finalidade de catalogação justificaria a contratação de uma empresa especializada em levantamentos de dados sobre os bens do lugar e que servirão de elementos que possam garantir uma certificação destes bens patrimonializáveis pelo referido órgão. Vale ressaltar que, embora esta certificação ainda não tenha ocorrido de forma oficial, o reconhecimento destes bens imateriais já é um fato dentro de seus povoados e grupos.

O reconhecimento se dá não pela certificação. Ele se dá pelo sentimento de pertença contido em suas lembranças e manifestações. Tendo como consequência prática deste reconhecimento popular a manutenção de seus brinquedos, o sentido de estima pelo seu lugar de nascimento. Os mestres têm uma percepção de seus brinquedos como “bens” herdados da sua ancestralidade. As “tradições vivas”, segundo o IPHAN, estão associadas a imaterialidade do bem, a conhecimentos tradicionais, saberes, as artes de representar, às línguas e aos sistemas de valores que compõem a diversidade humana, fontes fundamentais para a identidade cultural de um povo.

Foram reconhecidos como Ofícios e Modos de Fazer em Laranjeiras, dez ações já catalogadas são: Ceramista, Escultura em madeira, Artesanato Pesqueiro, Conhecedor de Ervas, Fabricação de Vassouras, Parteira, Pescaria, Pirão de Guaimum, Produção de Farinha e Rezadeira.

Quanto as Formas de Expressão, são dezesseis ao todo já catalogadas no INCR: Cacumbi de Mestre Deca, Chegança Almirante Tamandaré, Drama de Nadi, Lambe Sujo e Caboclinhos, Literatura de Cordel, Penitentes, Reisado de Dona Lalinha, Reisado de Dona Nadi, Reisado do Balde, Reisado Flor do Lírio (Reisado do Brilho), Samba de Coco, Samba de Pareia, São Gonçalo do Amarante, Taieiras, Teatro Amigos da Cultura Mussuquense e Timbaleiros.

2.5 Educação e Construção da Memória

A educação relacionada ao patrimônio é uma das faces principais do trabalho desenvolvido pelo IPHAN na cidade. O órgão desenvolve ações de educação patrimonial junto às escolas. Cursos direcionados para os professores das escolas do município são oferecidos. Técnicos do IPHAN ministram palestras onde a valorização da memória e dos saberes locais são colocados e pauta. Nestes cursos, há sempre um grupo ligado às danças populares se apresentando.

O objetivo destas ações, segundo uma das técnicas do IPHAN (responsável por ministrar um destes cursos), “é de fomentar a valorização das tradições vivas presentes na cidade e instrumentalizar os educadores.”

Oportunamente estive presente em um destes cursos, a convite de uma técnica do órgão federal, e participei de uma “aula”, no auditório da Universidade Federal de Sergipe - Campus Laranjeiras. Estavam presentes professores do ensino fundamental e uma técnica do IPHAN, museóloga, falava de preservação, de reconhecimento de bens culturais através da educação e de como acontece o processo de certificação destes bens. Ainda referente a esta gama de ações referente a uma memória que já se faz presente no lugar, podemos participar de uma “aula” no Museu Histórico de Sergipe, situado na cidade de São Cristóvão. Lá o diretor do referido Museu junto com um escritor local e professores das escolas do município, falavam aos seus alunos sobre literatura negra, tradições vivas, diversidade e preconceito, para crianças do ciclo fundamental.

No caso de Laranjeiras o que pode ser observado em relação à categoria patrimônio junto aos moradores e participantes das tradições vivas nos remete a pensar esta categoria de forma peculiar.



Figura 19: Apresentação de um Reisado no auditório da UFS LARANJEIRAS - "Curso sobre Patrimônio para os professores da rede de ensino público estado e município ministrado pelo IPHAN.

Vejamos neste exemplo:

Embora indicado a fazer parte de forma objetiva do livro de registros bens do IPHAN o grupo da dança de São Gonçalo do Amarante ainda não está neste livro de registros. Segundo Sales – Mestre da Dança de São Gonçalo da Mussuca, “*A Dança de São Gonçalo, assim como as demais manifestações do município são patrimônio de Sergipe, é nosso!*”. Para este mestre, o reconhecimento já estaria dado mediante a construção da história do grupo no município e frente aos seus apreciadores. Embora não estejam registradas como tal nos livros do IPHAN, o reconhecimento das tradições vivas como patrimônio pelos moradores da cidade e pelos que compõem os grupos de danças e folguedos apontam para um reconhecimento nato e para o significado destes bens, assim como para o sentimento de pertença existente dentro dos grupos entre seus membros. A construção da memória e da cultura local é efetiva.

Podemos dizer do bem disposto, um *patrimônio intangível* se apresenta multifacetado, carregado de emoções, como uma teia, cumprindo papéis no processo de desenvolvimento cultural de determinados grupos e cidades pelo significado de seus desempenhos, o fazer da Renda Irlandesa como patrimônio intangível pode aqui servir como exemplo.

Foi registrado nos livros de tomo do IPHAN no ano de 2008. Segundo pesquisas feitas pelo IPHAN, o fazer desta renda é centenário, as renderias de Divina Pastora e de Laranjeiras, seguem confeccionando a renda como esta era feita nos tempos do Império no Brasil.

No caso dos bens intangíveis, não há como deixar de lado os mitos que os permeiam e a sabedoria popular contida no imaginário coletivo. Estes mitos e conhecimentos populares devem ser examinados, pois suas potencialidades compõem as múltiplas faces do intangível e formam a teia de sentidos e valores que vão fundamentar um modo de fazer como Patrimônio Intangível em sua imaterialidade. Esta forma de patrimônio e a complexidade envolvida na definição (dos seus limites) faz com que a UNESCO venha desenvolvendo nos últimos vinte anos estratégias para criar e consolidar instrumentos e mecanismos que conduzam ao seu reconhecimento e formas de cuidar. Em 1989, a Organização estabeleceu a Recomendação sobre a Salvaguarda da Cultura Tradicional e Popular. A partir de então tem procurado estimular a sua aplicação ao redor do mundo. Uma das estratégias é lançar mão da educação patrimonial. Esse instrumento fornece elementos para a identificação, a preservação e a continuidade dessa forma de patrimônio, assim como de sua disseminação.

De modo a estimular os governos, ONGs e as próprias comunidades locais a reconhecer, valorizar, identificar e preservar o seu patrimônio intangível, a UNESCO criou um título internacional, concedido a destacados espaços (locais onde são regularmente produzidas expressões culturais) e manifestações da cultura tradicional e popular. Assim, em 2003 e 2005, a Proclamação das Obras-Primas do Patrimônio Oral e Intangível da Humanidade selecionou, por meio de um júri internacional, espaços e expressões de excepcional importância, dentre candidaturas oferecidas pelos países. Além das gravações, registros e arquivos, a UNESCO considera que uma das formas mais eficazes de preservar o patrimônio intangível é garantir que os portadores desse patrimônio possam continuar produzindo-o e transmitindo-o. (Farias:2010, p.20).

Desta forma, a UNESCO orienta os governos a criarem um sistema permanente de identificação de artistas, artesãos, grupos de folguedos e etc. Agentes que, além de produtores de conhecimento, carregam consigo os valores e saberes que caracterizam o conceito de patrimônio intangível por si. Encarnam as habilidades e técnicas necessárias para a manifestação de certos aspectos da vida cultural de um grupo e sociedade. Onde a organização das lembranças serve de instrumento para tal ação em um ciclo contínuo de produção e uso desta memória como podemos aqui dar um exemplo. Citando o Programa Monumenta (sediado na cidade de Laranjeiras SE) é um Programa de restauro do Ministério da Cultura (Minc) e financiado pelo Banco Interamericano de Desenvolvimento (BID) contando com parceria técnica do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional e da Organização das Nações Unidas. Em 1995, o Ministério da Cultura/Minc e a direção do Banco Interamericano de Desenvolvimento/BID deram início aos entendimentos para viabilizar um programa de preservação do patrimônio cultural do país, com ênfase nos sítios e conjuntos urbanos. No ano seguinte, o IPHAN elabora a Carta-Consulta ao BID, aprovada em agosto de 1996. Na sequência, são discutidos os fundamentos do programa e fixados os locais de intervenção prioritária, a saber, Olinda, Recife, Salvador, Ouro Preto, Rio de Janeiro, São Paulo. A cidade de Laranjeiras entra no programa Monumenta ainda neste mesmo ano.

Este Programa foi recebido de forma positiva pela cidade, esta afirmação se fundamenta com base nas entrevistas feitas aos moradores do município. Segundo eles: “Antes a cidade estava em ruínas, hoje temos prédios que nos servem.” Uma das edificações financiadas pelo referido programa é o Quarteirão dos Trapiches, o conjunto fica no Largo da Praça Samuel de Oliveira, que abriga o Campus da Universidade Federal de Sergipe em Laranjeiras.

Há cinco anos foi inaugurado este Campus da UFS - Universidade Federal de Sergipe em um destes prédios tombados pelo IPHAN o “Quarteirão dos Trapiches” no Centro da cidade. Ali estão sediados os cursos de Arqueologia, Arquitetura e Urbanismo, Dança, Museologia e Teatro. Este Campus Laranjeiras foi criado através de uma parceria entre a Universidade Federal de Sergipe e a prefeitura municipal de Laranjeiras, o Governo do estado de Sergipe e o Governo Federal, vinculado ao IPHAN junto ao Programa Monumenta. Tal parceria permitiu que este Conjunto arquitetônico viesse a ser restaurado com o objetivo de abrigar O Campus Lar como é popularmente chamado o mais recente campus da UFS no interior do estado de Sergipe



Figura 20: Campus da UFS em Laranjeiras SE.

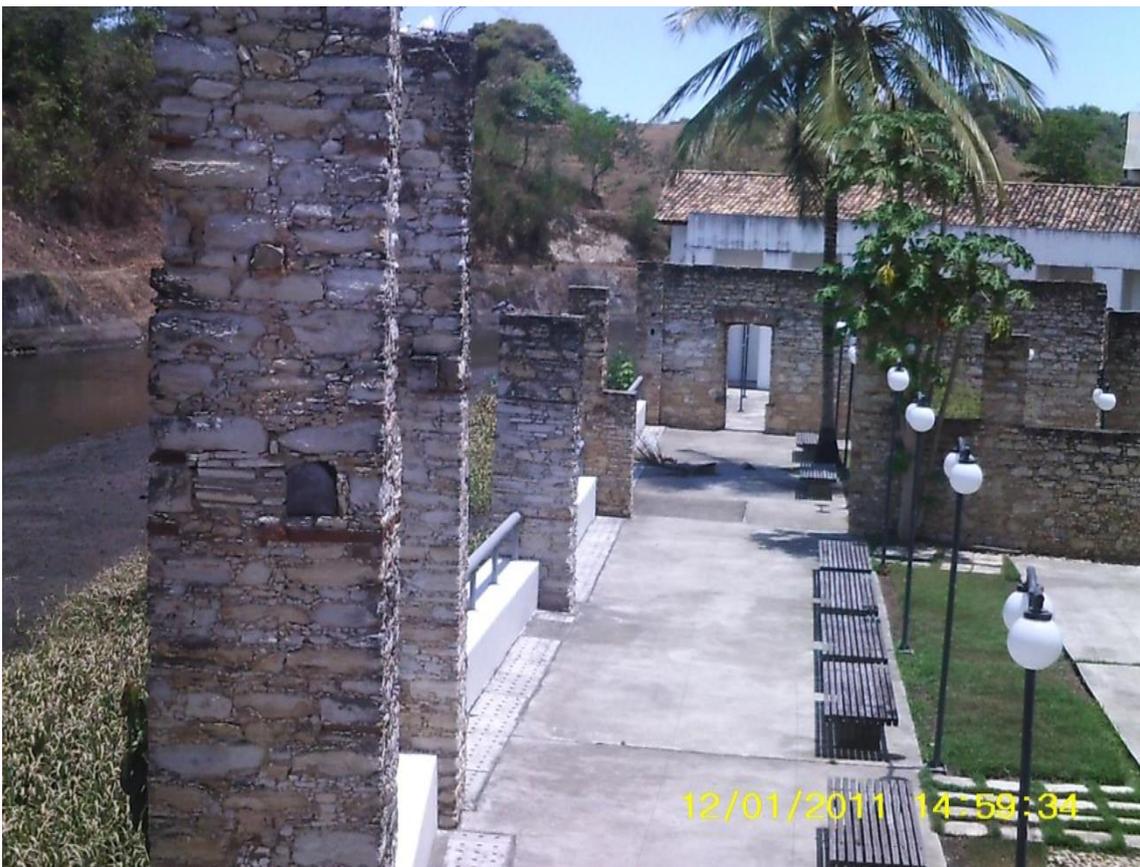


Figura 21: Vista interna do Campus UFS em Laranjeiras.

CAPÍTULO III

O Encontro Cultural de Laranjeiras: Um espaço de produção de bens culturais e a manutenção da memória

Trata-se de uma festa simples, como simples são os anseios do povo. Mas traz no seu conteúdo, duas preocupações básicas: a primeira, de difundir as manifestações mais caras às comunidades interioranas, preservando-as e, a segunda, de estudar tais manifestações. É a cultura popular que ganha corpo sem que seja violentada, mas estimulada, para que através dela o homem readquirira o contato que vem perdendo com a natureza e com a vida. (Governador do estado José Rollemberg-1976)

Entendendo que o Encontro Cultural é o ponto culminante das celebrações do município e como tal deve ser observado em sua dinâmica, pretendemos, a partir da etnografia sobre o encontro, perceber de que forma Encontro participa na produção, reprodução e manutenção da memória e do patrimônio imaterial da cidade de Laranjeiras. Neste encontro as manifestações populares do município e estado acontecem em quantidade e variedades. De que forma estas tradições e a memória dos brincantes podem contribuir para este processo de reconhecimento de bens imateriais através de suas danças, folguedos e cortejos? Partindo destas questões pretendemos discutir alguns elementos que podem ajudar a aprofundar o entendimento das relações que ocorrem dentro deste Evento.

Pereira em seu livro *Giros Para o Sagrado*, sobre as Folias de Reis em Urucuia (MG), ilustra vivamente o que acontece também na cidade de Laranjeiras (SE) em dias de Encontro Cultural, nos diz ele:

“O tempo dos festejos, em oposição ao tempo cotidiano, é marcado por um tempo de contínua exaltação. A vida ganha um brilho diferente, e as oposições entre alto e baixo, passado e presente, nós e os outros, casa e rua, homes e mulheres, são parcialmente desfeitas ou pelo menos momentaneamente mediadas.” (Pereira, 2011, p.14).

Esta dinâmica retreta a atmosfera que circunda o Evento – Encontro Cultural de Laranjeiras. A cidade toma cores novas o comércio é revigorado, há música nas ruas, as escolas municipais ainda em férias se transformam em dormitórios, as pessoas estão nas ruas buscando ver as “novidades” e prestigiar as tradições vivas em forma de dança e folguedos populares. É janeiro em Laranjeiras é tempo de Encontro Cultural. “*A Vida ganha um brilho diferente.*”

O primeiro Encontro Cultural de Laranjeiras data de 1976. Embora em 1973 por iniciativa da prefeitura, houvesse ocorrido uma “Festa da Cultura”, onde foram lançados livros com o tema sobre cultura popular além de um encontro entre pesquisadores, folclorista e mestres populares. Um evento de pequeno porte acontecendo em paralelo aos festejos do Dia de Reis.

Em 1975 o tamanho da Festa da Cultura (uma festa de largo) foi ampliado. Para tal, solicitou-se uma verba junto a secretaria de cultura do estado. O Encontro

Cultural de Laranjeiras aconteceu em sua 1ª. edição. Encontro este que em sua história guarda parte da história das danças e folguedos, as tradições vivas desta cidade, agregando grupos de brincantes do município de Laranjeiras, do estado de Sergipe e do Brasil, além de pesquisadores, folcloristas, gestores públicos, turistas e uma grande parcela da população local. Este Evento teve seu início associado a outro festejo já existente, a devoção religiosa dos grupos folclóricos a Nossa Senhora do Rosário e São Benedito, que aconteciam no dia de Reis. Assim, a apresentação dos grupos folclóricos no contexto da devoção a Nossa Senhora do Rosário e São Benedito e o simpósio que fomenta o debate sobre folclore e cultura popular formam a base do Encontro Cultural de Laranjeiras desde então.

O projeto elaborado para o primeiro Encontro Cultural de Laranjeiras tinha por objetivo segundo dados colhidos em seus registros nos Anais (1977),

1º Estudar as manifestações da cultura popular do estado,

2º Promover a apresentação de grupos,

3º Proteger a organização de grupos em função dos Centros regionais de Folclore,

4º Discutir, em alto nível, as questões fundamentais da cultura popular,

5º Fomentar o intercâmbio intermunicipal de grupos,

6º Valorizar a criação popular, em todos os níveis.

Durante este primeiro Encontro estiveram reunidos em Laranjeiras representantes de Pernambuco, Bahia, Alagoas, Rio de Janeiro, São Paulo e Sergipe. Neste encontro foi feito um levantamento das manifestações culturais do Estado de Sergipe e este levantamento resulta na publicação pelo Ministério da Educação do Primeiro Atlas do Folclore Brasileiro.

3.1 Antes, porém, outro tipo de encontro era vivido

Os grupos desenvolviam juntos seus festejos de acordo com sua própria dinâmica. As Taieiras louvavam os santos de devoção dos negros, São Benedito, Senhora do Rosário. Da mesma forma o Cacumbi e o São Gonçalo do Amarante do povoado da Mussuca também o faziam. Dançava-se para louvar, pagar as promessas e celebrar a vida. Saíam em cortejo para rememorar um costume relacionado a fé e a história local. A igreja e a população local viviam a Festa e nela laços de cooperação eram reforçados, regados a comida, bebida, danças e à oração. Os grupos de danças tradicionais já tinham por costume no dia de Santos Reis, seguirem em cortejo até a Igreja de São Bento dos Pretos e Senhora do Rosário para louvar e coroar sua rainha, cantos eram entoados pela Irmandade de Santa Bárbara Virgem e uma dança ritual era feita pelas Taieiras. A Chegança também vinha com sua “tripulação” vestida de Marujos a cantar e a dançar em “marcha” aos pés do altar. Estas práticas se davam de forma cotidiana. Folcloristas e políticos da época acompanhavam atentos.

Quando em 1975 a “Festa da Cultura” é feita paralelo aos festejos pelo então prefeito da cidade abriu-se caminho para se pensar em uma junção entre os festejos dos grupos de tradições do lugar e a tal festa. Os festejos já aconteciam e se fazia registro sobre os grupos e suas manifestações culturais, nos anos anteriores ao ano de 1976. Segundo a professora e folclorista Aglaê Fontes, “a relação entre os folcloristas, os

mestres e os brincantes sempre foi de respeito, colaboração e amizade.”¹⁸ⁱ. Em entrevista a Aguiar, Luiz Antônio Barreto contou como ocorreu à institucionalização dos festejos e o nascimento do Encontro Cultural. Por oportunidade de se fazer uma festa natalina a pedido da prefeitura de Laranjeiras em 1976, a possibilidade de instituir os festejos conjugados aos estudos em um só evento se deu:

“O Encontro nasceu de uma provocação da prefeitura de Laranjeiras que queria organizar uma ‘festa de largo’ no período natalino e isso veio para consideração do governo do estado por conta do encaminhamento feito pelo prefeito José Monteiro Sobral e pela sua esposa Ione Sobral, que é hoje a prefeita. Bom, quando chegou no governo, o governo mandou para a secretaria de educação, aí foi para as minhas mãos como assessor cultural e eu dali levei para o conselho de cultura para resolver o assunto porque eu achava que surgia uma oportunidade para que gente trabalhasse com a cultura popular, porque eu já trabalhava com cultura popular, já fazia pesquisa, Jackson [da Silva Lima] já trabalhava com cultura popular, já fazia pesquisa e publicava, Beatriz [Góis Dantas] já trabalhava com a cultura popular. (Luiz Antônio Barreto, entrevista, 03/01/2010 em Aguiar, 2011)

No contexto atual, percebemos que ainda hoje os grupos que se apresentam no Encontro Cultural, em sua grande maioria têm sua origem na própria cidade de Laranjeiras, são 24 grupos do município os demais são oriundos dos municípios vizinhos. O número de grupos que participaram do Encontro Cultural no ano de 2013 foi de aproximadamente trinta, somados os grupos de dentro do município. No ano de 2014 foram 115 grupos se apresentando no total somados os grupos de dentro e os grupos de fora do município de Laranjeiras. Os grupos de fora do município de Laranjeiras são oriundos do restante do estado de Sergipe e do país. Este ano, por exemplo, grupos de Pernambuco, Alagoas, Bahia, Ceará estiveram participando do Encontro. As Taieiras, O Cacumbi são grupos do centro da cidade, a Dança de São Gonçalo, e o Samba de Coco e o grupo de Samba de Pareia são do Povoado da Mussuca, zona rural da cidade. Estes são tidos como as mais antigas manifestações da cidade de Laranjeiras por seus habitantes. Os Reisados, as Cheganças, os Folguedos, o Pastoril, assim como os grupos para-folclóricos e os grupos de teatro da cidade e dos municípios vizinhos também participam. Os grupos se apresentam durante toda semana do Encontro Cultural.

A Prefeitura de Laranjeiras é a responsável pela realização do Encontro Cultural em todas as suas edições. Ela cede espaços, contrata mão de obra para trabalhar na montagem e desmontagem dos palcos, convida palestrantes e grupos de danças e folguedos para virem participar do Encontro Cultural. Os grupos de danças tradicionais, classificados como folclóricos e outros grupos não tradicionais, os para-folclóricos, recebem um pró-labore da Prefeitura para participar do evento, cerca de dois mil reais para os grupos “de dentro” do município e mil reais para os grupos “de fora” do município. Sendo responsável pela receita destinada ao Encontro, a Prefeitura direciona a forma como o Encontro deve acontecer, no que se refere aos locais das apresentações, valores a serem gastos, organização dos circuitos, datas, contrato de serviços e toda logística no que da alimentação ao transporte dos grupos.

¹⁸Aglaê é professora da Universidade Federal de Sergipe, folclorista e junto com Luiz Antônio Barreto (já falecido) também folclorista, é uma dos fundadores do Encontro. Ela vem participando do Encontro Cultural desde sua fundação.

Em todos os anos, o Encontro Cultural ocorreu na primeira semana do mês. Sua culminância se dava no dia seis, dia dedicado aos Santos Reis Magos. Entretanto, em 2013 o Encontro teve seu início no dia nove de janeiro por decisão da prefeitura, sob a alegação de que a primeira semana de janeiro seria dedicada à posse dos vereadores e do prefeito da cidade. Neste ato pode ser percebido o atravessamento da tradição e do tempo, visto que o Encontro Cultural tem a sua base na religiosidade popular, a flutuação de sua data de início é uma variável a ser levada em conta em nossas observações.

Dispondo da receita relacionada ao Encontro Cultural de Laranjeiras, da aos gestores do lugar a possibilidade de criar novas formas para o Encontro Cultural, datas podem ser revistas e trajetos feitos pelos mestres em cortejo podem ser determinados pelos organizadores do Encontro. Grupos que anteriormente se apresentavam no chão estão nos palcos montados por todo o centro da cidade. As tradições da cidade que outrora nasceram relacionadas a dias “santos” (dia de Reis) a exemplo do Encontro Cultural hoje sofrem flutuações de data e de forma em função de variáveis impostas pela modernidade.

A forma como esta dinâmica se configura nos grupos, as assimilações vividas por eles podem ser entendidas se levarmos em conta a produção destas memórias, as relações dentro dos grupos, as alianças e as intervenções lançadas de fora para dentro. Nos fazendo entender, como uma “festa de largo” (evento, ponto de encontro próximo a igreja, onde o povo se reunia para comemorar dias de santos), se transformou com o decorrer do tempo em um evento de notoriedade nacional que vem produzindo uma certa identidade de uma cidade do interior do país ao longo dos anos para fora da cidade e do estado de Sergipe.

O Encontro Cultural foi modificando seu formato além do simpósio e dos grupos de danças e folguedos. Outras atrações foram incorporadas, como apresentações de teatro e dança a feira de artesanato, as oficinas, concertos e shows diurnos e noturnos de grupos regionais e nacionais, e apresentações de grupos folclóricos de outras cidades do estado de Sergipe e do país. Como já sabemos, segundo os mestres populares mais antigos do município, as manifestações já aconteciam antes, dedicada aos santos Reis, Senhora do Rosário e São Benedito. Fundamentando esta afirmação dos mestres populares, temos a fala da ex-prefeita de Laranjeiras:

“As celebrações festivas de São Benedito e Nossa Senhora do Rosário, historicamente associadas no Brasil aos negros e promovidas através de Irmandades com danças e folguedos, numa tentativa de integração dos africanos à fé católica, constituem em Laranjeiras uma tradição antiga e bastante arraigada. Remontam à primeira metade do século XIX. (Maria Ione Macedo Sobral, prefeita de Laranjeiras em 2012 em material para divulgação do Encontro 2012).

Podemos notar nesta fala (da ex-prefeita da cidade de Laranjeiras), a evocação de uma memória para justificar o Evento, o Encontro Cultural de Laranjeiras.

Uma das características marcantes do Encontro é o simpósio. Nele, comunicações de trabalhos, informes sobre a Cultura Popular, as relações políticas se fazem, além da troca de informação e vivências. Em 2013 quatro palcos foram montados. Dois palcos de rua, um na entrada da cidade no Largo da Quaresma, que recebeu o nome de Palco Dona Lalinha, em homenagem a uma mestra de um Pastoril já

falecida e o outro na Praça da Matriz, que recebeu o nome de Palco Seu Oscar uma figura ilustre da cidade e envolvida com a Cultura Popular também já falecido.

Um palco foi montado dentro do clube Antônio Carlos Franco, recebeu o nome de Palco Ernesto Lira e outro na Praça de Eventos da cidade que recebeu o nome de Palco Antônio Carlos Franco e José Monteiro Sobral (em homenagem a duas figuras políticas da cidade). Segundo a programação divulgada, nestes palcos as atrações deste ano 2008 foram: As bandas Asas de Águia, É o Tchan e Harmonia do Samba, o que vale ser mencionado sobre este palco é a grandiosidade do mesmo, e sua localização na Praça de eventos da cidade, um lugar reservado para grandes espetáculos uma espécie de arena. As barracas são padronizadas, com farta venda de cerveja, controle de entrada e saída de pessoal, roletas que auxiliam o controle destas entradas. É um palco construído em um espaço fixo para eventos que durante o ano recebe os circos que visitam a cidade. As arquibancadas são fixas e sua localização é próxima ao centro da cidade, os espectadores passam por uma revista e o reforço policial é utilizado para garantir a segurança do público, nos moldes de grande do show.

Houve controvérsia em Laranjeiras, pois parte da população e da organização do evento foi contrária a existência deste palco nos moldes apresentados atualmente, sobre a permanência deste palco na programação do Encontro Cultural. Dizem que este palco parece ser “outro evento”, dentro do Encontro Cultural e que o público que vem para o Encontro Cultural não é o mesmo que frequenta este palco a noite. A maioria do público que vai a estas atrações de massa são os jovens do município, e também comparecem muitos jovens da capital do estado e dos municípios vizinhos. Estes “*vêm para os “shows” das bandas*”, como eles dizem. Uma mudança importante nas atrações deste palco pode ser percebida no Encontro Cultural 2014. Neste palco Geraldo Azevedo a grande atração. Embora este seja um cantor de grande projeção nacional seu repertório vem ao encontro do perfil do Encontro Cultural, que é de dar visibilidade as manifestações “da terra” (do Nordeste). Aí se pode perceber uma busca de unidade temática entre o Encontro e o show. Parece-nos que o evento busca encontrar uma forma, uma linha de atuação, um conceito para nortear os eventos futuros, sem perder a relação com as tradições vivas. Esta encontrando uma forma própria, única, de dialogar com os apelos e desafios impostos no presente.

3.2 A Dinâmica do Encontro Cultural de Laranjeiras (e os circuitos)

O Simpósio

Em janeiro de 2007 o Simpósio ocorreu em uma escola técnica localizada próximo ao Centro da cidade de Laranjeiras. O período da manhã era dedicado à fala dos folcloristas e pesquisadores e mestres da Cultura Popular de Sergipe. Na parte da tarde um ou outro grupo se apresentavam ao público e aos debatedores. O tema do Encontro Cultural do ano de 2007 foi: Folclore, Mídia e Turismo.

Em 2008, o Simpósio tratou de questões referentes a direito a terra e a liberdade de práticas religiosas. Somadas a elas, questões de educação e saúde. O tema do Encontro Cultural neste ano foi: “Quilombolas e Identidade Cultural”. Durante a noite, o São Gonçalo, o Samba de Pareia o Samba de Coco e o Reisado da Mussuca desfilam em cortejo pela Rua São Gonçalo. A abertura do Encontro Cultural no povoado neste ano aponta a dimensão das relações entre o povoado da Mussuca, as tradições vivas do município e a oportunidade de interação dos brincantes com o poder

publicam. A abertura desse evento na Mussuca foi um marco, nunca antes a abertura do Encontro Cultural havia sido deslocada do centro da cidade.

Este ano marcava para o Povoado uma visibilidade onde o tema do Encontro, a inauguração do asfalto, a certificação deste lugar como terras quilombolas eram somadas a questões ligadas a liberdade religiosa e educação. Representantes dos governos federal, estadual e municipal partilhavam a mesa de abertura, juntos discutiam e propunham ações voltadas para as questões diretamente ligas ao povo negro (de forma particular, moradores de Laranjeiras), reivindicações foram ouvidas e registradas, alianças foram feitas tendo como pano de fundo as danças, tradições vivas do lugar.

Em janeiro de 2013 o simpósio aconteceu dentro da Universidade Federal de Sergipe, Campus das Artes, inaugurado em 2008 em um dos prédios restaurados pelo IPHAN. Durante três dias a cultura popular foi discutida, o tema: “Lúdica: Poder Comunicante” foi apresentado e as mesas foram compostas por pesquisadores, professores, antropólogos, mestres populares e folcloristas, livros foram lançados e um Tributo em homenagem a Luiz Antônio Barreto, folclorista e fundador do Encontro Cultural, falecido em 2012.

Circuito dos Saraus:

Os Saraus são chamados de Café Cultural. Pude participar de três dentre os sete saraus realizados em 2013. Os Saraus, regados a quitutes e bebidas foram itinerantes, o primeiro foi na Secretaria de Cultura de Laranjeiras, onde um grupo de chorinho dava o tom do evento. Neste Sarau, poesias foram declamadas por poetas locais. Nas salas vizinhas ao pátio da Secretaria de Cultura eram inauguradas duas exposições de fotografias, onde o Encontro Cultural era tema. A televisão local cobria o evento, por lá representada pela Rede Record de TV, políticos e senhoras da sociedade laranjeirense compunham o público. Marcando presença o secretário de cultura local abria o Encontro Cultural. Vale mencionar que embora o secretário tenha aberto o Encontro, este evento ocorreu na data de sete de janeiro com pouca divulgação. Nos dias oito e nove de Janeiro outros Saraus se seguiram desta vez nas casas de senhoras da sociedade laranjeirense com a mesma dinâmica de funcionamento: público convidado pela prefeitura, garçons servindo os quitutes e as bebidas, boa música, os poetas locais declamando, autoridades e comerciantes locais prestigiando.

O circuito Religioso:

A Terceira Lavagem das Escadarias da Igreja do Bonfim consiste em um cortejo e na lavagem dos degraus da igreja do Bonfim, localizada em um dos montes da cidade. O grupo Filhos de Obá, membros do terreiro de candomblé mais antigo da cidade, situado no centro de Laranjeiras, é responsável pela lavagem e pelo cortejo. O terreiro é uma edificação tombada por decreto estadual desde 1988 como patrimônio da cidade e pelo estado. O cortejo sai pelas ruas da cidade em direção a Praça da Matriz e por ela sobe a Ladeira do Bonfim. Maria Ione Sobral prefeitas da cidade em 2012 escreveu:

“De acordo com a historicidade de Laranjeiras: cidade história tombada com o patrimônio pelo IPHAN. - Remanescentes de Quilombolas; herdeiros através das gerações Afro descendentes, vêm por essas questões efetuar a edição da 2ª Lavagem da Escadaria do

Bonfim, perpetuando assim os ritos dessa religião Afro- Brasileira. Partindo do pressuposto que cada ser humano possui uma hierarquia, eis a questão que nos traz a Lavagem do Bonfim. A louvação do Senhor do Bonfim,” Oxalá é comemorado desde os antepassados, na 1ª sexta feira do ano. Em ato contínuo todos os meses do ano, a primeira sexta feira de cada mês é louvado em especial onde o senhor do Bonfim é sincretizado por sagrado Coração de Jesus, denomina-se padroeiro da referida cidade.”(Fonte: folheto para divulgação do Encontro Cultural ano 2012.)

O Circuito das Oficinas:

Neste mesmo encontro de 2013 foram ministradas oficinas de circo e dança aérea, oficinas de xilogravura, customização em cangas, pintura em tecido, boneca torcida (Abaiômi), percussão popular, violão, percussão, bateria, técnica vocal, metais, palhetas e conjunto musical. Estas oficinas estavam localizadas em lugar de visibilidade e de fácil acesso, eram abertas ao público e gratuitas. Partes destas oficinas foram ministradas por artistas e artesões de fora da cidade.

Circuito Expositivo:

Várias exposições de xilogravura, desenhos, fotos e pinturas em tela ocorreram. Exposições que em sua maioria era de autores Sergipanos e de acervo fixos dos museus da cidade de Laranjeiras que são ao todo três: Museu de Arte Sacra, Museu do Folclore e Museu Afro. Uma das exposições não permanentes tratava de xilogravuras em comemoração ao centenário do cantor Luiz Gonzaga.

Circuito Folclórico:

Cortejos formados com parte dos grupos seguiam pela cidade em um circuito predefinido pela Secretaria de Cultura que, dependendo de sua hora de ocorrência, tinham seu roteiro refeito. Por vezes passava no calçadão da cidade, local onde se localiza o mais novo restaurante da cidade e onde os turistas se concentram durante o horário de almoço. Em Procissão, seguiam do Centro de Tradições, pela Avenida Rotary, subindo a Rua Sagrado Coração de Jesus subindo até a Praça da Matriz, lá se concentravam novamente e seguiram até a Igreja de Nossa Senhora do Rosário dos Pretos e São Benedito.

Nesta procissão do ano de 2013 ocorreu algo diferente, nem todos os grupos estiveram presentes, somente uma imagem saiu do altar e foi levada para as ruas, a imagem de São Benedito de Filadelfo que partilha o altar com a imagem da Senhora do Rosário. O padre veio no meio do cortejo e não na frente como nos anos anteriores. Ficou próximo ao grupo de São Gonçalo, logo atrás da figura da Mariposa que solenemente carregava a barca com o São Gonçalo do Amarante dentro. Uma caminhada, onde havia participantes compenetrados em manter a proposta de um Cortejo. O que pode ser percebido em relação aos anos anteriores diz respeito à forma como a Igreja vem participando do evento. Uma hipótese a ser levantada é que dependendo da relação que o pároco tenha com os festejos da cidade a participação da igreja pode ser efetiva ou pro forme. Neste caso a participação da Igreja no ano de 2013 foi puramente pro forme, não houve orações, o que se viu foi um “Caminhada” no qual

havia a figura de um padre inserida. Curiosamente esta procissão não fez parte do circuito religioso e sim do circuito folclórico este ano.

Podemos perceber aí a diferença de formato entre os Encontros Culturais dos anos anteriores e este do ano de 2013. Comparando com os anos de 2007 e 2008 no qual também estive presente, nos anos de 2007 e 2008 a organização era menor, a infra estrutura era ainda precária, embora a participação popular tenha sido maior. A forma e a organização do encontro compromete a vivacidade da festa, e a performance dos participantes. Sabemos que a memória transforma o bem cultural em matéria viva, um processo construído a partir de uma criação permanente onde os indivíduos são chamados a participar do conhecimento e reconhecimento de sua própria cultura. Arranjos e apropriações também fazem parte deste processo e neste processo a mudança de forma seja explicada e possa se justificar de certo modo.

Pensamos no desligamento do rito de seu mito de origem (o cortejo não é mais um ato religioso como em sua origem, onde os grupos dançam para louvar, onde o mito estava em consonância com os ritos) nos deparamos com uma forma de repetição de fatos onde os grupos participantes andam enfileirados seguindo um circuito pré determinado pela organização do encontro pelas principais ruas da cidade. Não queremos aqui constatar o total afastamento entre rito e mito no que se refere ao Encontro Cultural e os festejos da cidade. O que aqui pontuamos é um possível desligamento destes em determinados momentos dos festejos. Tendo como exemplo o ocorrido no ano de 2013.

Durante o Encontro Cultural - A feira livre, o parque e outros espaços.

Na centenária feira, comerciantes de outros municípios migram para Laranjeiras buscando vender seus produtos. É um ponto de encontro, para os “de fora” além de um local de referência. Nela pode-se encontrar um pouco de tudo das coisas do lugar, comidas música regional, frutas, roupas, tapiocas e pastéis. Bares e escolas se abrem e se desdobram em funções: Escolas viram dormitórios e bares que durante o ano se limitam a venda de bebidas, nesta época vendem também comida. Um parque de diversões é montado todos os anos, no ano de 2007 este parque foi montado no meio da cidade marcando uma particularidade, as crianças brincavam em um espaço contornado de prédios centenário ainda em ruínas. Hoje já restaurados abrigam o Campus Universitário da UFS.

O piso da cidade é de pedra sabão e a iluminação dos antigos prédios era especial algo como “um cenário”. Ainda no ano de 2007, um Coral entoado um Cântico Barroco acompanhava a abertura da cerimônia de louvação feita pelos grupos de danças tradicionais dentro da igreja de São Benedito e Senhora Rosário, marcando aí mais um entrelaçamento de tempos se dá na igreja de São Benedito e Nossa senhora do Rosário uma celebração centenária se repete em Laranjeiras por mais um Janeiro.

A interação com os municípios do entorno

Laranjeiras assume o papel de agregador junto aos demais municípios de Sergipe, propondo ações voltadas para a cultura através do Fórum de Gestores Culturais o qual preside (na figura dos secretário de cultura no município).

Nos primeiros dias do mês de janeiro de 2103, Laranjeiras, recebeu representantes dos municípios vizinhos, vindos de: de Divina Pastora, Maruim, São

Cristovão, Estância, Canindé do São Francisco, Lagarto, Rosário, Propriá, Japaratuba, Itaporanga, Santo Amaro, Piranbú, Moita Bonita, São Domingos, Cristinapolis e Aracaju, entre outros municípios sergipanos. Gestores de cultura se reuniram para discutir e traçar estratégias voltadas para a promoção e fomento direcionados para a cultura de seus municípios. Todos estes municípios são convidados por Laranjeiras via Secretaria de Cultura a integrar os circuitos de atrações em tempos de Encontro Cultural. Com manifestações distintas, cada grupo ocupa um espaço na agenda do evento.

Os grupos para folclóricos também ocupam lugar no Encontro Cultural. Estes grupos são compostos por dançarinos e atores, geralmente estão associados a uma instituição, como exemplo, podemos citar o grupo de teatro formado por alunos da UFS LAR – Universidade Federal de Laranjeiras. Durante o Encontro Cultural estes grupos seguem acompanhando o cortejo pelas ruas da Cidade. O grupo de teatro da UFS Laranjeiras teve o papel de encarnar personagens – Menestréis (segundo Hildênia Oliveira historiadora e Produtora cultural da cidade)– misturados aos moradores e brincantes.

Fantasiados de menestréis, colombinas e pierrôs, seguem em performances pelas ruas da cidade. Oficinas com técnicas circenses, danças aéreas são oferecidas por grupos para-folclóricos de fora da cidade. Para os “de dentro” se dá uma troca de saberes ligados a arte e outra forma de produção de memória é colocada em prática. A vivência de novos e antigos costumes são experimentados em conjunto. Os grupos para folclóricos são a oportunidade daqueles que, embora apreciem a tradição, não possuem ligação direta com as tradições vivas do lugar por parte de suas famílias ou povoados. Assim, estes grupos possibilitam uma forma de participar dos festejos brincando em grupos formalmente organizados para viver o Evento por paróquias, escolas, universidades e clubes.

Os grupos para folclóricos contribuem para a divulgação das manifestações populares tradicionais. Favorecem ao público “leigo” a entrada no campo da “cultura popular”, animam e comunicam sobre o tema dentro de seus espaços de atuação. O encontro entre os grupos detentores das tradições vivas e os grupos para-folclóricos aguça a curiosidade entre eles e em relação às comunidades tradicionais. As participações destes para folclóricos no Encontro Cultural de Laranjeiras somam ao conhecimento, a diversidade e as formas de expressões distintas na produção de conhecimento ligadas ao tema “cultura popular.”

Tomando para análise este evento e a dinâmica ocorrida dentro dele, podemos afirmar que o Encontro Cultural é um ponto culminante no que se refere as manifestações do município de Laranjeiras. O ano de festejos e celebrações é aberto na primeira quinzena de cada janeiro, durante este período várias atividades são oferecidas para os vários segmentos da sociedade. Ao brincante são oferecidos espaços para sua apresentação onde seu brincar poderá ser apreciado, seja no cortejo, nas ruas ou nos palcos espalhados pela cidade. Aos jovens e as crianças cabe a participação nas oficinas gratuitas. As senhoras professoras aposentadas da elite de Laranjeiras cabe abrir suas casas para sediar o “Café Cultural” e nele receber em suas salas e jardins visitantes, sejam eles moradores da cidade ou turistas, políticos e pesquisadores ao som de um grupo de musical. Aos estudantes da Universidade Federal de Sergipe cabe um trabalho de monitoria por estas participações suas horas de podem ser computadas como estágio. A eles a participação como colaboradores no evento, como monitores das exposições preparadas especialmente para compor o circuito das artes visuais, no Encontro Cultural, ainda aos universitários do curso de teatro cabe a participação no

circuito dos cortejos. Onde vestidos de menestréis interagem com os espectadores. Aos jovens vindos da capital Aracajú e parte dos jovens da cidade cabe a apreciação dos shows do palco armados na Praça de Eventos.

Aos religiosos cabe a lavagens das escadarias da Igreja do Bom Fim, a procissão e a coroação da Rainha das Taieiras. Por fim todos contemplados e participantes na produção da memória local. O calendário anual de festejos e celebrações esta aberto na cidade de Laranjeiras Sergipe, encerrando o ciclo natalino no ano anterior e abrindo o calendário anual da cidade.

Em 2008 a Universidade Federal do Rio de Janeiro com seu grupo de pesquisa sobre cultura popular e o Balé Folclórico da Bahia estiveram nos palcos da Cidade de Laranjeiras, partilhando com os grupos tradicionais o Encontro Cultural de Laranjeiras. Tivemos a oportunidade de participar deste Encontro Cultural como “pesquisador brincante”, ao mesmo tempo onde nos aprendíamos sobre as formas de fazer e dançar do povo sergipano (em especial as danças tradicionais de Laranjeiras), também reproduzíamos pelas ruas da cidade pequenas Rodas de Samba no estilo Carioca. Dentro da formalidade do Encontro Cultural, nos apresentamos com uma Roda de Jongo – Uma dança de matriz negra. O Jongo dançado no Rio de Janeiro, dança de evocação a ancestralidade praticada pelos negros nas fazendas de café do Estado do Rio de Janeiro, São Paulo e Minas Gerais.

Esta experiência nos rendeu conhecimento sobre as tradições de Laranjeiras e uma abertura nas comunidades, onde as danças tradicionais acontecem além da entrada em espaços acadêmicos relacionados a pesquisas sobre o tema em Sergipe.

Laranjeiras é uma cidade onde podemos investigar a ligação entre materialidade e imaterialidade. Bens de pedra e cal abrigam em seus espaços ações e lembranças que geram memórias intangíveis. As danças, tradições vivas do lugar estão presentes nos mais distintos acontecimentos da cidade, da devoção ao entretenimento. Lá estão elas como um elo, como uma linha de costurar, unindo os acontecimentos aos lugares e as pessoas. Dando forma e notoriedade às lembranças coletivas da cidade, as transformando em memórias e estas memórias sendo transformadas em bens de patrimônio devidamente reconhecidos pela cidade e seus atores e suas instituições.

2 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Memória da Flor

“O universo se expande infinitamente ate o verso;

*Era uma flor enorme (...) sobre a cidade,
não era nem uma flor...era a memória da flor.*

abstração antes de significar...

Eu vi que era Suave o mergulho.”

(Zé Paulo)

A escrita deste trabalho evidenciou a memória. Sua produção e a forma pela qual esta memória vem sendo construída em Laranjeiras como um elemento chave, dando fundamento seu “título” de “capital da cultura popular”. Com base nesta memória buscamos estudar as danças tradicionais do lugar, estas nos servirão como instrumentos para entendermos como através delas as relações se dão entre seus atores – brincantes, gestores e munícipes. Uma análise pode ser feita sobre os papéis que cada ator vem desenvolvendo na cidade. A forma como a administração pública vem se dando no que se refere à cultura, onde o fazer político foi transformado em gestão política, uma forma de administrar voltada para a manutenção e produção de patrimônio com a possibilidade de geração de renda e trabalho onde o turismo seria uma possibilidade. A implantação do turismo não se deu de forma efetiva ainda nestes tempos.

Assim constatamos que nas danças estariam à garantia de manutenção das lembranças referentes aos festejos, as celebrações e aos fazeres desta sociedade. Ações atribuídas ao cotidiano dos grupos destas danças, tradições vivas do lugar, favorecem na produção do patrimônio Intangível ou Imaterial. O objeto empírico com o qual trabalhamos: as danças de São Gonçalo do Amarante da Mussuca, o Samba de Coco e o Samba de Pareia, auxiliaram-nos nas questões levantadas ao iniciar o trabalho. No decorrer do processo mais uma dança foi observada, desta vez uma dança oriunda do centro da cidade nos chamou a atenção, a Taieira. O imbricamento entre patrimônio material e imaterial pode ser aqui tratado com base em observações feitas junto a este grupo que possui uma participação constante no calendário anual de celebrações do município.

Questões como: O que se guarda para se transmitir? E o que estes valores têm haver com o tempo presentes? Poderão ser respondidas in loco e ancoradas nos escritos com os quais este estudo foi embasado.

A possibilidade da criação e recriação dos fatos se fez presente de forma real. Lembranças são utilizadas, se transformando em memória no processo de criação do novo, nos apontando o que vem a ser a produção de patrimônio e como edificações e modos de fazer estão diretamente ligados neste caso. Os espaços geográficos abrigam atores que são detentores de lembranças e costumes que os servem e servem aos demais na produção destes bens ditos patrimoniais.

Pode ser constatado que recordar as tradições e manifestar a memória é práticas efetivas na cidade de Laranjeiras, o sentimento de pertença por parte dos brincantes está

ligado diretamente a sua origem. O que pode ser compreendido hoje como bens patrimoniais já está posto, assimilado pelo brincante como riqueza referente à sua cultura, ao seu grupo e ao seu lugar de atuação. A utilização da memória como fonte de conhecimento, reconhecimento é notória. Há uma evocação do passado para relatar o presente e projetar ações futuras. Pode ser constatado também que por influência das políticas públicas oriundas do governo federal ligadas a patrimônio se acirra uma disputa pela memória que fomenta a produção da mesma.

Entendemos, pois que o Encontro Cultural é o ponto de culminância na produção desta memória e reúne em sua dinâmica todos os elementos necessários para suscitar questões que digam respeito à cultura, turismo, produção de renda e políticas públicas no que se refere à cidade de Laranjeiras.

Em cada um dos três capítulos podemos tratar a memória de um lugar, suas danças e festejos na produção do patrimônio, tendo como campo recortado o povoado da Mussuca, as manifestações do Centro da cidade dando destaque as Taieiras e ao Nagô de Laranjeiras/SE e suas instituições.

No que se refere ao primeiro capítulo, pode ser constatado a importância do povoado da Mussuca e de seus grupos de danças tradicionais, na participação na construção identitária do município, emblema da cultura do negro do lugar, tendo as danças como destaque. A importância da participação dos mestres Populares da Mussuca como atores representantes de um fazer centenário e local em constante diálogo com as representações políticas do município. Também foram constatadas a participação destes mestres na manutenção e produção destas memórias, a transformação destes fazeres do cotidiano em bens de patrimônio e a participação destes mestres na criação de demandas voltadas para a manutenção destes bens como a criação da lei municipal voltada para estes senhores e senhoras produtores e mantenedores de memórias a Lei “Tesouros Vivos”. Ainda neste capítulo, a marca de diferença no ato de dançar dos brincantes pode ser comprovada. Uma performance para cada contexto e lugar, embora o grupo seja o mesmo, sua dança não seja alterada em relação aos passos coreografados.

No segundo capítulo, pode ser comprovada a produção de memórias através da organização das lembranças e costumes da cidade e de sua gente. Onde materialidade e imaterialidade juntas compõem um repertório de lembranças onde lugares e ações estão imbricadas. Templos e mercados, ruas de pedras, cortejos e danças de louvação aos santos, o fazer da Renda Irlandesa e o dançar do povo do lugar são elementos de composição e manutenção das memórias da cidade e asseguram seu “título de museu a céu aberto – capital da cultura popular”.

Por fim, no terceiro capítulo desta dissertação, pode se constatar que o Encontro Cultural é um evento de culminância dos festejos da cidade. Os atores sociais implicados na produção de memória se ligam e dialogam neste evento embora existam discordâncias. A produção de bens culturais é notória em dias de Encontro Cultural em Laranjeiras. Neste dias de janeiro os papéis de cada ator ficam definidos e o calendário do ciclo de festejos da cidade é aberto. O Encontro Cultural de Laranjeiras serve de espaço para produção de renda, de conhecimento e de projeção do município dentro da cena nacional.

3 REFERENCIAS BIBLIOGRAFICAS:

ABREU, Regina. Chagas Mário, Memória e Patrimônio: ensaios contemporâneos/2ªed. – Rio de Janeiro: Lamparina, 2009

AGUIAR, Luciana de Araújo, Celebração e Estudo do Folclore Brasileiro: O Encontro Cultural de Laranjeiras/Sergipe. Rio de Janeiro:2011. Dissertação (Mestrado em Antropologia) – Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2011.

Anais do Encontro Cultural de Laranjeiras: Anais do Encontro Cultural de Laranjeiras 20 anos, 1994.

Anais do Encontro Cultural de Laranjeiras: XX Encontro Cultural de Laranjeiras, 1995.

Anais do Encontro Cultural de Laranjeiras - Simpósio: Globalização da Cultura, Folclore e Identidade Regional, 1996.

ALMEIDA, Maria da Glória Santana de. Sergipe: fundamentos de uma economia dependente. Petrópolis-RJ: Vozes, 1984.

ARANTES, Antônio, O espaço da diferença, Campinas SP Papiros, 2004.

BARATA, Denise, “Conflitos Culturais na História do Rio de Janeiro”, UERJ, 2007.

BARROS, Osvald, Incorporação e memória na performance do ator brincante, in: Patrimônio imaterial, performance cultural e (re)tradicionalização, Teixeira, João Gabriel, L. .C. (Org.) Brasília: ICS-UnB, Rio de Janeiro, 2004.

BONFIM, Wellington de Jesus. Identidade, Memória e Narrativas na Dança de São Gonçalo do Povoado Mussuca (SE). Natal, 2006. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social) – Universidade Federal do Rio Grande do Norte, 2006.

CANCLINI, Néstor García, Cultura popular: de la épica al simulacro, 1989.

CAMARA, Luís da Câmara. Dicionário do folclore brasileiro, São Paulo, Global, 2001.

Carta do folclore Brasileiro. Boletim nº 13 da Comissão Nacional de Folclore, janeiro/abril de 1993.

CURY, Isabelle (Org.) Cartas Patrimoniais. 2ª Ed. rev., Rio de Janeiro: IPHAN, 2000.

CLAIR, Jean. As Origens da Noção de Eco museu. Cracap Informations, no. 2-3, 1976. p: 2-4. Trad: Tereza Scheiner.

DANTAS, Beatriz G. *Taieira*. Rio de Janeiro: Funarte - Cadernos de Folclore, 1976.

DURKHEIM, É. Considerações a respeito dos cultos primitivos e a função do sagrado. Debates do NER, v. 1, n. 22, p. 63-66, 21 dez. 2012 a.

FALCÃO, Christiane Rocha. A Dança de São Gonçalo da Mussuca. UNI revista, São Leopoldo, n. 1, p. 1-11, julho, 2006.

FERNANDES, Cine, O Corpo em Movimento: O Sistema Laban/ Bartenieff na Formação e Pesquisa em Artes Cênicas. São Paulo: Annablume, 2002.

FERREIRA, Carlota et al. Diversidade do português do Brasil: estudos de dialectologia rural e outros. 2 ed. rev. Salvador: Centro Editorial e didático da Universidade Federal da Bahia, 1994.

- FRADE, Cásia, Folclore – Ed. – São Paulo: Global,1997, (Coleção para entender;v. 3)
- GONÇALVES, José Reginaldo dos Santos, Antropologia dos objetos: coleção Museus e patrimônio, IPAHN, 2007.
- GUSMÃO, Rita, A Retomada do Corpo,Rio de Janeiro,UnB, 2004.
- HEINICH, Natalie, “Les émotions patrimoniales”: de l affect á l axiologie, in Social, 2012.
- HEINICH, Natalie, “La fabrique Du patrimoine” – de l cathédralé á La petite cuillère; La Maison des sciences de l’homme, Paris 2009. Antropology, v.20, issue I, 2012, pp.19-33
- INCR, IPHAN – Inventário Nacional de Referências Culturais Manual de Aplicações - IPHAN, 2000.
- IPHAN.O Registro do Patrimônio Imaterial, 2006.
- LE GOFF, Jacques, História e Memória, Campinas Edunicapi,1992.
- Ligiéro, Zeca, “A performance afro – ameríndia: Tradiçãoe Trasfoeação”, in: Patrimônio imaterial,performance cultural e (re)tradicionalização, Teixeira,João Gabriel, L. .C. (Org.) Brasília: ICS-UnB, Rio de Janeiro,2004.
- LOPES, Leite, Sergio; “Memória e Transformação Social: Trabalhadores de Cidades Industriais” Revista Mana (3): 583-606 2011
- MARTINS, Paulo Henrique, ”A Sociologia de Marcel Mauss: dádiva, simbolismo e associação”. 2005. Revista Crítica de Ciências Sociais, 73, Dezembro 2005: 45-66.
- MAUSS, Marcel, *Ensaio de Sociologia*, Editora Perspectiva. São Paulo 2009.
- MEC. Dança de São Gonçalo. Rio de Janeiro: Cadernos de Folclore, n. 9. MEC, 1976.
- MONTEIRO, Mariana Francisca Martins.Dança Popular: espetáculo e devoção,São Paulo, Terceiro Nome,2011.
- NOGUEIRA, Dantas Adriana e Silva Donizete Elder, História, Patrimônio cultural e Turismo: “A comunidade como elemento chave para o desenvolvimento local” – Revista: O Despertar da Colina Azulada: Universidade Federal de Sergipe em Laranjeiras.
- OLIVEIRA, Filadelfo Jônatas de. Registro dos Fatos Históricos de Laranjeiras. Coleção João Ribeiro, 2ª edição, Subsecretaria de Cultura do Estado de Sergipe, Aracaju/SE, 2005.
- OLIVEIRA, Filadelfo Jônatas de. História de Laranjeiras Católica. 1ªEd. 1935 Secretarias do Estado da Cultura de Aracaju- Se
- OLIVEIRA, Hildenia, A Micareme de Laranjeiras em 1930: A cidade entre a quaresma e o carnaval, 2013.
- OLIVEIRA,NevesHugo, Vctor. De um Ato de Fé e(M) Festa uma Análise do Encontro Entre Devoção e Diversão na Dança de São Gonçalo De Amarante. Universidade Federal Fluminense. 2011.
- ORTIZ, Renato, Românticos e folcloristas. Cultura Popular. São Paulo: Olho D’Água, 1992.
- PEREIRA, Luzimar, Paulo Os Giros do Sagrado: um estudo etnográfico sobre as folias de Urucaia,MG. 2011.

POLLAK, Michael. Memória, Esquecimento, Silêncio. Estudos Históricos, Rio de Janeiro, vol. 2, n.3, 1989, p-3-15

POMIAN, K, Memória, História.Porto - coleção Enciclopédia Imprensa Nacional Casa da Moeda,1984.

SOARES, Bruno, “Entendendo o Eco museu: uma nova forma de pensar a Museologia”, in: Revista Eletronica Jovem Museologia:Estudos Sobre Museus, Museologia e Patrimônio,ano 01,nº.02, 2006.

TEIXEIRA, João Gabriel L.C., (org). Patrimônio imaterial, performance cultural e (re) tradicionalização,Brasília:ICS – UnB,2004.

SOMEDO, Carla Indira Carvalho, Tese: Performance, genro e corporeidades no grupo de batuqueiras de São Martinho Grande (Ilha de São Thiago, Cabo Verde). 2009.

VELHO, Gilberto, Individualismo e Cultura: Notas para uma Antropologia da Sociedade Contemporânea, Observador e o Familiar, Psyche (São Paulo) v.10 n.19 São Paulo dez. 2006.

VIANA, Leticia C.R, “Legislação e prevenção do patrimônio material perspectivas e experiências e desafios para salvaguarda das culturas populares” Textos escolhidos de cultura e artes populares, volume 1.n.1, 2004.

4 ANEXOS

Todas as imagens são de autoria
de Rosane de Assis Barbosa

4.1 Fotos (edificações)



Figura 01: Fachada UFS - Campus Laranjeiras



Figura 02: Mercado Municipal



Figura 03: Vista do centro da cidade de Laranjeiras

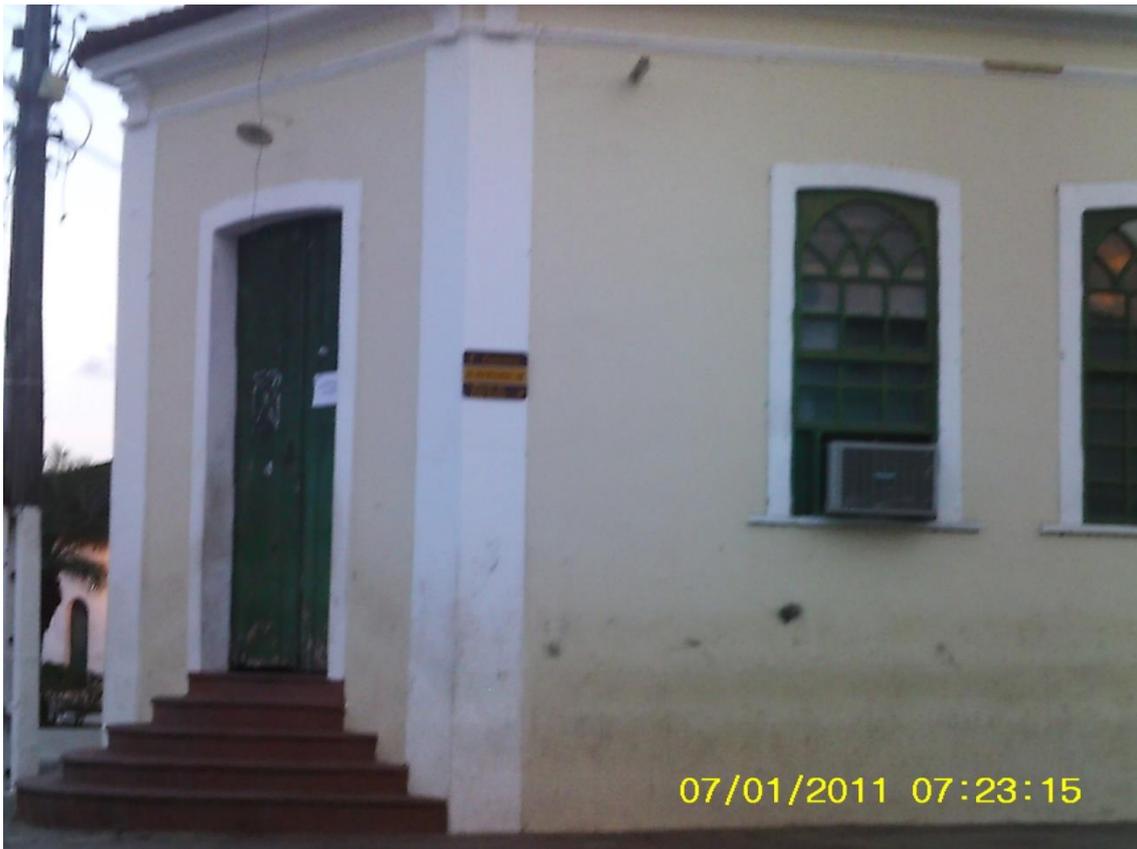


Figura 04: Prefeitura da Cidade de Laranjeiras



Figura 05: Fachada da Secretaria de cultura de Laranjeiras



Figura 06: Praça de Eventos, centro da cidade de Laranjeiras



Figura 07 - Margens do Rio Cotinguiba (Fundos da Universidade Federal de Sergipe – UFS)



Figura 08: “Restauro” e parcerias- na Casa do Mestre Zé Candunga



Figura 10: Museu Afro Brasileiro (Laranjeiras/SE)



Figura 11: Rua das Pedras



Figura 12 - Calçamento, Centro da Cidade de Laranjeiras
